

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CRECHE E FAMÍLIA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

AUCY BERNINI BRAGA

**Ilha de Santa Catarina
Fevereiro de 2003**

AUCY BERNINI BRAGA

**CRECHE E FAMÍLIA:
UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em EDUCAÇÃO, na Área de Concentração Educação Infantil, à Comissão Julgadora do Centro de Ciências de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Ana Beatriz Cerisara.

**Ilha de Santa Catarina
Fevereiro de 2003**

“Em uma experiência educacional verdadeiramente compartilhada, as escolhas e decisões precisam ser feitas com o maior consenso possível e com um profundo respeito por uma pluralidade de idéias e perspectivas”.

Sergio Spaggiari

AGRADECIMENTOS

O campo trilhado para a construção deste estudo foi compartilhado com muitas pessoas, às quais sou grata de diferentes maneiras, mas essencialmente pela contribuição fundamental que resultou na concretização deste grande sonho e desafio.

- Às crianças, famílias e profissionais, sujeitos deste estudo, pela receptividade, atenção, amizade, carinho e presteza ao dividirem comigo suas expectativas, necessidades e sonhos;**
- À Dra. Ana Beatriz Cerisara, Bea, por ter aceitado o desafio e ter confiado na possibilidade deste trabalho, por seu rigor e exigência, pela sua sensibilidade, sua humildade, seu exemplo de vida e profissionalismo e por ter me ensinado muito sobre Educação Infantil. A você, professora, meu respeito, carinho e admiração;**
- À minha filha Karla, que sempre me mostra que ser mãe é um desafio diário;**
- Ao meu marido, Murilo, companheiro de todas as horas, que se esforça muito para me compreender, sempre me surpreendendo...**
- Às minhas irmãs de vida, Meri e Rosi, pessoas cuja lembrança o tempo não apaga e que a distância não separa, pelo incentivo constante na minha caminhada;**
- À Gláucia, irmã-amiga, companheira de vida e de trabalho – sem ela certamente este trabalho não seria concretizado da maneira como o foi – obrigada por tudo. Quando eu “crescer” quero ser uma pesquisadora tão brilhante como ela! Obrigado por sua total dedicação e doação!**
- À Stéfani, minha filha número 2 e minha amiga, exímia digitadora: juntas multiplicamos alegrias, dividimos tristezas e testamos a paciência uma da outra. Tão madura e tão menina... Você tem futuro!**

- **Ao Otávio, obrigado pela paciência...**
- **Às minhas companheiras e amigas de mestrado, Kátia, Deisy, Raquel e Adriana, por compartilharem comigo idéias, conhecimentos, expectativas e sonhos, e em especial à Patrícia, pelo exemplo de organização e pela disponibilidade em ouvir-me. Obrigado a todas pelas contribuições, pela amizade e pelo respeito;**
- **À Angela, gracinha de pessoa, amiga das horas de impasses da pesquisa, paciente e compreensível, que transformou meus grandes problemas em pequenos obstáculos fáceis de transpor;**
- **Às minhas companheiras de vida profissional, pelo apoio e incentivo, em especial à Silene, por me proporcionar o tempo que eu necessitava para pesquisar;**
- **Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, especialmente aos professores Dra. Eloísa e Dr. Josué, pela atenção, carinho e pela contribuição para minha formação na área da Educação Infantil;**
- **Ao CNPQ, pela concessão da bolsa de estudo, que me possibilitou a tranquilidade material para a realização deste trabalho por um período de 11 meses;**
- **Ao meu pai (in memorian), pela força que desde sempre me ofereceu – onde ele estiver, sei que está muito feliz. A você, pai, dedico esta dissertação;**
- **Enfim, agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou outra, colaboraram para a realização desta pesquisa.**

RESUMO

Este trabalho se insere no debate existente sobre a relação creche-família. O objetivo de análise do estudo foi identificar e evidenciar elementos possibilitadores de uma boa relação entre essas instituições. O lócus de realização dessa pesquisa foi uma creche pública do município de Florianópolis que enfatiza o estabelecimento de uma boa relação com as famílias das crianças com as quais trabalha. O aporte teórico que subsidiou a análise permite compreender o cotidiano como propiciador de dinâmicas relacionais humanas no qual os atores constroem, partilham suas vivências e interagem socialmente. A investigação privilegiou técnicas qualitativas para a coleta, o tratamento e a análise dos dados: utilizou-se de registros escritos, filmagens, entrevistas e documentos. Percebeu-se, no contexto da pesquisa, um caminho positivo para a construção de uma relação entre creche e família a partir das categorias de análise comunicação, acesso e interação, tendo como princípio o respeito e a compreensão das diferenças e das particularidades no enfrentamento dos confrontos para a busca do consenso entre os protagonistas da vida na creche: crianças, famílias e profissionais.

Palavras-chave ou descritores: Educação Infantil, relação creche-família, protagonismo.

RIASSUNTO

Questo lavoro si inserisce nel dibattito esistente sul rapporto asilo nido/famiglia. L'obiettivo dello studio è quello di identificare ed evidenziare gli elementi che facilitano un buon rapporto tra le due istituzioni. La ricerca è stata realizzata in un asilo nido pubblico di Florianópolis, che valorizza la costruzione di un buon rapporto con le famiglie dei bambini frequentanti. L'apporto teorico che sostiene l'analisi permette di comprendere il quotidiano come generatore delle dinamiche relazionali umane nel quale gli attori costruiscono, condividono esperienze ed interagiscono nel gruppo. L'indagine privilegia tecniche qualitative per la raccolta e l'analisi dei dati: sono stati utilizzati registri scritti, filmati, interviste orali e documenti. Si percepisce, nel contesto della ricerca, un cammino positivo verso la costruzione del rapporto nido-famiglia a partire dalle categorie d'analisi della comunicazione, accesso ed interazione. Rimane come principio il rispetto e la comprensione delle differenze e delle particolarità durante i confronti per la ricerca del consenso tra i protagonisti della vita del nido: i bambini, le famiglie e coloro che ci lavorano.

Parole-chiave: Educazione infantile, rapporto nido-famiglia, protagonismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A RELAÇÃO CRECHE-FAMÍLIA: O SIGNIFICADO E O PROTAGONISMO DOS ATORES NA CONTEMPORANEIDADE	19
2.1 Contribuições Teóricas.....	19
2.1.1 Crianças	20
2.1. 2 Creche.....	25
2.1. 3 Famílias	29
2.1. 4 As contribuições	35
3. O CONTEXTO E OS PROTAGONISTAS DA PESQUISA	45
3.1 A contextualização	45
3.1.1 A estrutura básica de atendimento da Educação Infantil em Florianópolis: dados gerais.....	46
3.1. 2 A comunidade.....	48
3.1. 3 Um breve histórico da creche pesquisada	50
3. 2. Os protagonistas da pesquisa	58
3.2. 1 As famílias	58
3.2. 2 As profissionais.....	60
3.2. 3 As crianças	61
3. 3 O estudo de caso	62
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	65
4. 1 A comunicação entre a creche e as famílias	65
4.1.1 Episódio I: De pouquinho em pouquinho	66

4. 2 O conhecimento sobre a creche – o acesso das famílias às dependências da creche	73
4.2. 1 Episódio II: Circulando pela creche	74
4. 3 Relação entre as famílias e as profissionais da creche: o processo de interação.....	83
4.3.1 Episódio III: Tá com pressa, tá? Peraí que eu te ajudo!	84
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
ANEXO A – Questionários	102
ANEXO B – Entrevistas.....	105
ANEXO C – Mapas.....	109

1. INTRODUÇÃO

No mundo moderno contemporâneo, as transformações, conseqüentes do processo de industrialização e urbanização, ocasionaram, entre outras coisas, uma inserção massiva das mulheres no mundo do trabalho, por privação ou opção, obrigando-as a assumirem papéis para além daqueles, social e culturalmente determinados na família, resultando, para suas crianças, em outras formas de educação. Arroyo se refere a tais mudanças, comentando que, nesse contexto, a “[...] reprodução da infância deixa de ser uma atribuição exclusiva da mulher no âmbito privado da família. É a sociedade que tem que cuidar da infância. É o Estado que, complementando a família, tem que cuidar da infância” (ARROYO, 1994, p. 89).

Este trabalho é um estudo de caso que se insere no debate existente no âmbito da Educação Infantil acerca da relação entre creche e família. O objetivo é identificar e evidenciar elementos positivos existentes nessa relação que permitam adjectivá-la como uma *boa relação*.

Rios enfatiza que “... quando se afirma, por exemplo, que algo é bom, é preciso indagar o que se quer dizer com isso – bom por quê, para quem?” (RIOS, 1998, p.113). Entendendo que bom é um valor do campo do simbólico, passível de conferir-lhe um sentido em relação a algo. No tocante a temática abordada, pode-se dizer que uma *boa relação* entre creche e família é aquela que, no espaço das significações de um determinado grupo (famílias, crianças e profissionais), responde as suas necessidades, pela promoção de diálogo e de escuta, de compreensão e colaboração recíproca, no compartilhar de vivências e experiências, na receptividade nos locais de encontro. Dessa maneira, construindo um caminho para uma relação que satisfaça todos os envolvidos, tendo como objetivo comum a educação da criança no contexto da instituição de educação infantil. Nessa perspectiva, uma *boa relação* é permeada por uma rede de cooperação e interação que produz para os adultos e especialmente para as crianças um sentimento de pertencerem a um espaço onde esses sujeitos se aproximam e reconhecem as contribuições uns dos outros.

O foco do olhar está delimitado sobre a relação que se estabelece entre os profissionais que trabalham com um grupo de crianças e com as suas respectivas famílias numa creche do Município de Florianópolis.

A idéia inicial desta pesquisa surgiu de questões e dilemas relacionados à aparente falta de conhecimento sobre a vida das crianças e de suas famílias, presentes em minha prática cotidiana em uma creche pública do município de Florianópolis, no cargo de auxiliar de sala. Algumas dessas questões referiam-se a dúvidas sobre quem de fato eram essas crianças que freqüentavam a creche, de onde vinham, como viviam no contexto da família, enfim, como eram suas vidas cotidianas fora da creche.

Essas questões se apoiavam em outras de caráter pragmático, tais como: por que algumas crianças não aceitavam certos alimentos, por que dormiam em horários diferenciados, por que se assustavam com os banhos, não gostavam de ir ao parque, etc... E assim inúmeras outras questões que mostravam o meu aparente desconhecimento, bem como, supostamente, o das demais profissionais da creche, sobre as crianças com as quais lidávamos. Esse desconhecimento não pressupunha falta de contato com as famílias, pois havia um relacionamento profissional cordial.

Entendi naquele momento que, para responder a essas questões, era necessário interagir com o mundo dessas crianças fora da creche, essencialmente em suas relações com suas famílias e nas dessas famílias com a creche.

Permaneci com essas idéias embrionárias e quando me inseri no programa de mestrado da UFSC, apresentei como anteprojeto de pesquisa a proposta de analisar a criança da creche fora da creche. Entretanto, no decorrer do curso fui percebendo que fazer uma pesquisa sobre a criança da creche fora da creche exigia um tempo de que eu não dispunha, já que tinha apenas dois anos para completar a pesquisa e só tive afastamento das minhas atividades profissionais no início do segundo ano. Além disso, meu envolvimento com a creche e com as crianças foi se mostrando um elemento complicador, na medida em que dificultava um distanciamento dessa realidade.

Nesse ínterim, participei, enquanto profissional da rede, do Programa de Capacitação desenvolvido pela Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal

de Educação de Florianópolis, em 2001, que organizou, entre outras atividades, a *Oficina: relação creche-família*.

Essa oficina era composta de quatro encontros, um por semana, durante o mês de setembro de 2001. Participaram do evento 39 profissionais de creches e NEIs. No primeiro encontro, a coordenadora perguntou sobre os motivos pelos quais aqueles profissionais estavam participando daquela oficina. O que me chamou a atenção foram os motivos apresentados: do número total de participantes, 14 estavam ali por se interessarem pela temática, os demais apontaram razões diversas, como, por exemplo, não lhes ter restado outra alternativa, por não terem conseguido vaga nas oficinas de seu interesse ou por não querer ficar sem essas horas de aperfeiçoamento.

Buscando construir um novo caminho para a pesquisa, percebi que ali se encontravam possíveis sujeitos a serem investigados, uma vez que aqueles profissionais estavam, de uma forma ou de outra, preocupados com a temática da relação creche e família, discutida nessa oficina.

No desenrolar da oficina, passei uma lista entre as pessoas com a finalidade de identificar aquelas que estivessem interessadas em participar da minha pesquisa exploratória através de entrevista, que seria gravada e transcrita. Dos 39 participantes, 9 se interessaram em colaborar, escrevendo na lista seus nomes, o nome da creche em que trabalhavam e o telefone para contato.

Nesse sentido, diante das condições objetivas de que dispunha para realizar meu mestrado e dos problemas metodológicos já apontados, redimensionei o meu projeto, mudando-lhe o foco: optei por realizar uma pesquisa em outra creche¹, buscando investigar não mais o contexto externo a ela, mas para saber qual o conhecimento que eles, profissionais, professores e auxiliares de sala, que atuavam diretamente com um grupo de crianças, tinham sobre as famílias dessas crianças.

Cabe esclarecer que esse conhecimento, que pressupõe o contato com as famílias, vai além do tratamento cordial entre ambas as instituições, mas está se falando de uma intencionalidade e de objetivos voltados para uma relação

¹ Optei por realizar o estudo em outra creche, na busca de um maior distanciamento do objeto, que, para mim, é muito familiar (no sentido antropológico e não geográfico), para “desnaturalizar o social” numa postura de “estranhamento”, para transformar o “familiar” em “exótico”, como sugerem alguns antropólogos (Laplantine, 1988; Leite, 1994; DaMatta, 1983).

aproximativa entre elas, tendo em vista a especificidade do trabalho desenvolvido na creche, que pode implicar a existência desejável de uma boa relação entre creche e família.

Comecei então a esboçar a construção do meu objeto de estudo, ainda de forma pouco clara, pois a realidade, difusa e rica de possibilidades, embora conhecida, transforma-se numa armadilha, na qual muitas vezes me prendi e com ela me perdi.

Assim, no mês de outubro de 2001, como parte de um estudo exploratório, apliquei um questionário com 12 questões² semi-estruturadas e realizei 5 entrevistas com profissionais que foram escolhidos, a partir da lista obtida, através de sorteio e que atuavam em diferentes creches. A idéia era que, a partir do questionado, o conteúdo das respostas me indicaria um caminho.

As quatro primeiras questões do roteiro da entrevista foram de identificação e caracterização das profissionais entrevistadas: formação, tempo de serviço na rede, número de creches onde já atuou, tempo de trabalho na creche atual. As demais diziam respeito à atuação cotidiana das profissionais, especificamente direcionadas para perceber o que elas conheciam das famílias, as estratégias utilizadas para obter esse conhecimento e qual a influência desse conhecimento na relação com as crianças e suas respectivas famílias. Portanto, eram as respostas pertencentes a esse conjunto de questões que baseariam a construção do objeto deste trabalho. Dentre as questões que orientaram minhas observações e registros exploratórios, menciono aqui aquelas que considero importantes:

- Você acha que é importante conhecer as famílias das crianças com as quais trabalha? O que é importante conhecer delas? Como isso contribui para o seu trabalho?
- Como você vê a influência da família no cotidiano (dia-a-dia), da instituição?
- Como é seu relacionamento com as famílias dessas crianças que você trabalha?

² O roteiro da entrevista de estudo exploratório encontra-se nos anexos, organizado na forma de questionário.

- Como a família influencia na relação que estabelece com as crianças que trabalha?
- Qual a influência do conhecimento que você tem a respeito da família na relação que você estabelece com as crianças que trabalha?

Este estudo exploratório foi de importância fundamental para o redimensionamento do meu objeto de investigação, mostrando-me que as perguntas não deveriam versar sobre o conhecimento que os profissionais tinham sobre as famílias, pois se entende que esse conhecimento tem que estar a serviço de uma intencionalidade, mas elas devem sim questionar como se dá a relação entre os profissionais da creche e as famílias das crianças com as quais eles trabalham, procurando ressaltar nela seus aspectos positivos. Enfim, o objetivo deste estudo passa a ser, identificar e evidenciar elementos possibilitadores de uma boa relação entre a creche e a família.

Um outro problema que se apresentou foi a delimitação do universo. Em que creche? Quais profissionais? Afinal, como fazer tais escolhas?

Conversando com algumas orientadoras pedagógicas da Divisão de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, obtive o nome de algumas creches em que, segundo elas, a proposta de integração entre creche e famílias é bastante enfatizada. A partir disso, examinei os nomes dessas creches, buscando aquelas onde se encontravam alguns dos profissionais que participaram da Oficina acima mencionada e que haviam se declarado dispostos a participar da pesquisa. Restaram cinco creches, todas aparentemente com as mesmas características, entre as quais fiz a escolha (aleatória, por sorteio) de uma e, por consequência, dos profissionais que tomariam parte neste estudo.

Após delimitar o universo, busquei a aproximação com o mesmo, iniciando contatos com a diretora da instituição. Participei de uma reunião pedagógica no dia 16 de novembro de 2001, na qual fui apresentada para o grupo de profissionais da creche em questão e expliquei um pouco sobre a minha proposta de pesquisa, aceita por esse grupo mediante votação. A partir de então, entrei em contato com a Secretaria Municipal de Educação, Divisão de Educação Infantil, para obter informações sobre os procedimentos necessários para minha inserção na creche.

Enfim, após ter cumprido tais procedimentos, fui autorizada a *entrar* na creche no dia 30 de novembro de 2001.

Para este estudo, a amostra constitui-se de duas populações:

- a) dos informantes – composta por aqueles através dos quais se obtiveram informações de caráter histórico-contextuais que serviram para construir o cenário onde se desenvolveu a pesquisa: agentes/representantes da comunidade onde a creche está situada; funcionários dos serviços públicos municipais, entre eles diretoras, merendeiras, técnicos da divisão da educação infantil, técnicos de urbanização;
- b) dos informantes investigados - composta por um total de seis profissionais que atuam com o grupo formado pelas crianças do berçário (a escolha dessa amostra foi baseada na aceitação e disponibilidade por parte das profissionais em participarem da pesquisa) e por 15 membros adultos da família nuclear das 16 crianças que pertencem ao berçário e com as quais as profissionais citadas se relacionam. O lócus da observação foi a creche.

Os procedimentos para a coleta dos dados consistiram de técnica de observação direta, com registros em diário de campo, aplicação de questionários, entrevistas com uso de gravador, filmagens, análise documental e bibliográfica.

O local de abordagens, interpelações e observações dos informantes foram variados: nas residências, em locais de trabalho, em eventos como festas e reuniões e na creche. Não se registrou nenhum problema de receptividade, pois todos os entrevistados foram bastante atenciosos, respondendo às perguntas de forma clara e direta, exceto uma profissional de sala, que não conseguiu responder às perguntas por inibição e timidez.

Embora não seja uma discussão recente, a relação creche-família tem sido tema constantemente problematizado em função da complexidade que lhe é inerente, conforme pode ser percebido na assertiva de Vitoria, a seguir:

A relação creche-família, concretizada especialmente na maneira como se dão os contatos cotidianos entre educadoras e mães, vêm se tornando um campo específico de investigação dentre os envolvidos com a realidade das creches. Contínuas

observações destes contatos mostraram a forte influência que esta relação exerce sobre o trabalho das educadoras e sobre a maneira como a criança se comporta, tanto na creche como em casa (VITORIA, 1997, p.21).

De acordo com a atual legislação brasileira, essa atribuição deve ser compartilhada formalmente por duas instituições, a creche e a família. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/96, artigo 29, assegura que a “educação infantil, primeira etapa de educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. A prescrição legal ainda redimensiona, define e especifica os papéis fundamentais dos atores envolvidos nessa relação de caráter triádico.

Para além do aspecto formal, alguns estudiosos da área que discutem a relação creche-família, como, por exemplo, Oliveira et al (1998), entendem que o relacionamento que se estabelece entre a creche e a família é singular e especial, precisando ser organizado, planejado e sistematizado, com intencionalidade, por parte da creche. Ela indica, para isso, um trabalho de preparo contínuo, junto aos profissionais e às famílias, que clareie a compreensão e o entendimento sobre seus respectivos papéis nessa relação, tendo em vista transformar esse trabalho em colaboração mútua.

A preocupação com a busca e a construção permanente de um relacionamento positivo, de uma boa relação entre essas instituições tem sido ressaltada de várias formas, no entanto são apontados muito mais os limites e dificuldades, como bem enfatiza Maistro, “(...) o distanciamento entre creche e famílias só pode ser, com frequência, marcado por desencontros, omissões, opressões, disputas, preconceitos e acusações mútuas” (MAISTRO, 1997, p.168-9). Nesse sentido, ela reafirma a necessidade de se compreender e apreender os significados de creche e de família e a relação existente entre elas, sabendo que a criança é o ponto de encontro das duas instituições, destacando que é em função dela que essa relação existe.

Nessa direção, Vitoria discute seu ponto de vista nos seguintes termos:

Partindo do pressuposto de que a mãe (e/ou família) e a educadora da creche são os principais adultos mediadores do desenvolvimento da criança que frequenta a creche, sendo necessário o estabelecimento de uma boa relação entre elas, a qual é especialmente mediada pelas representações que cada uma delas constrói sobre criança, creche e educação infantil, adotamos uma posição a partir da qual defendemos a importância que se deve dar ao preparo das educadoras de creche para estabelecer e manter um bom relacionamento com as mães e/ou famílias das crianças com quem trabalha, tendo clareza desta tarefa como parte do seu trabalho cotidiano, caracterizado como atendimento e prestação de serviços especializados em educação (VITÓRIA, 1997, p. 21).

Embora se disponha de um acervo bibliográfico relevante a esse respeito, o conhecimento acerca da relação creche e famílias não está esgotado, justificando-se a necessidade de estudos sobre o tema. A bibliografia especializada, conforme será visto mais adiante, reitera exaustivamente a necessidade da construção de um “bom relacionamento”, de um “relacionamento satisfatório”, apontando ainda possibilidades de que isso aconteça. Constata também os limites e desafios que vêm acompanhando essa problemática, sobretudo no que diz respeito à interação e integração entre essas instituições, questões que dificultam os caminhos para uma relação mais participativa e democrática entre elas. Desse modo, pretendo colaborar com o debate, busco identificar e evidenciar, na realidade empírica, elementos possibilitadores de uma boa relação, observando, os procedimentos, ações e atitudes dos profissionais de creche em relação às famílias das crianças com as quais trabalham.

O texto está estruturado em quatro partes a partir desta introdução. A primeira, apresentada no capítulo 2, trata de certas questões de caráter heurístico. A discussão do tema exige que se tenham em mente cuidados explicativos das noções referentes aos conceitos abordados – criança, creche e família e a relação existente entre elas (como devem ser entendidas no contexto em estudo), tendo em vista que esses conceitos têm sido livremente utilizados. Dessa forma, inicialmente contextualizo conceitualmente os protagonistas da pesquisa e em seguida trato da contribuição e perspectiva teórica de alguns dos estudiosos do tema que realizam com mais profundidade a discussão sobre a relação creche-família. Pretendo

demonstrar, sem esgotar o assunto, como essa questão foi ganhando espaço no debate acadêmico.

A seguir, no capítulo 3, busco explicitar os aspectos metodológicos que envolveram a construção deste estudo de caso, o contexto da pesquisa, seus atores e a relação que eles estabelecem entre si.

Os dados sistematizados e a análise dos mesmos são apresentados na seqüência, no capítulo 4, onde são ressaltados os aspectos possibilitadores de uma boa relação entre a creche e família.

Na parte final, com base nos dados, procuro tecer algumas considerações sobre a discussão que envolve a relação creche-família e apontar as possibilidades vislumbradas enfatizando uma boa relação.

2. A RELAÇÃO CRECHE-FAMÍLIA: O SIGNIFICADO E O PROTAGONISMO DOS ATORES NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 Contribuições teóricas

Esta seção tem por objetivo explicitar ao leitor os conceitos utilizados neste estudo, rompendo com a aparência *familiar* e naturalizada como eles têm sido tratados, destacando que os mesmos serão discutidos mais adiante à luz do referencial teórico. Desnaturalizar o conceito de criança, de creche e de família é premissa que se impõe pela necessidade de compreendermos a complexidade do tema em questão e da relação que se estabelece entre seus protagonistas³.

Isso significa ter sempre presente que toda realidade social é uma construção e, portanto, nosso imaginário é permeado de crenças, de valores, de hábitos e de atitudes, sendo necessário entendê-los intrinsecamente no contexto sócio-histórico no qual estão inseridos. Importa definir de qual criança, de qual creche e de qual família está se falando, a que época e a que sociedade pertencem, considerando que eles (criança, creche e família) são construções sociais que se consolidam e se transformam sob a influência recíproca do meio.

Considerando a breve exposição, pode-se inferir que os conceitos a serem discutidos tornam-se compreensíveis se situados a partir das transformações que ocorreram no cenário nacional que têm como marco histórico a Constituição Federal de 1988 e que afetaram particularmente o tratamento legal dado às crianças brasileiras, elevando-as à condição de sujeitos de direitos e que, para efeito deste trabalho, são essas crianças, no contexto das instituições de educação infantil, o objetivo precípuo da relação creche-família, tema em estudo.

³ O termo protagonista é aqui entendido a partir da perspectiva de autores italianos (Bondioli e Mantovani, 1998; Gandini e Edwards, 2002; entre outros), que consideram as crianças, os profissionais e as famílias os três sujeitos da educação das crianças na creche. Esses sujeitos estão interligados e formam um sistema de relação de maneira que, o que acontece com um deles afeta os outros. Nesse sentido, eles são centrais, participantes ativos, protagonistas no processo de educação das crianças. Spaggiari afirma que: “este conceito de interdependência induz a considerar que a creche só pode ser pensada e organizada como local de ‘relacionamento a três’, onde a presença e o protagonismo das famílias é tão essencial quanto a presença e o protagonismo das crianças e educadores” (SPAGGIARI, 1998, p.100).

Dessa forma, passa-se a destacar a concepção e a forma de protagonismo dos atores envolvidos⁴ na relação em questão, com base na bibliografia especializada, bem como nas falas dos atores entrevistados⁵, dos profissionais da creche e das famílias – os sujeitos da pesquisa.

2.1.1 Crianças

A criança e a infância, enquanto objetos de estudo, têm sido abordados pelas diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Pedagogia, a História, a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia. Considerando a bibliografia existente, selecionam-se alguns autores que, sem a pretensão de esgotar o tema, possibilitam tornar compreensível a criança de quem se fala.

A partir dos estudos da Sociologia da Família, a criança, na contemporaneidade, passa a ser vista enquanto membro da família e, portanto, ator social que sofre uma socialização que é reconceitualizada, entendida como “um processo duplo de adaptação e ação”, no qual normas e valores são compreendidos e interpretados envolvendo troca e comunicação, ressaltando assim uma dinâmica relacional intra e extrafamiliar – as crianças participam de socializações sucessivas e de ressocializações em diferentes instâncias socializadoras (família, escola, mídia, outros grupos de adultos e crianças) (SEABRA, 2000, p.22).

Almeida destaca a importância da infância enquanto objeto autônomo do saber, que ganha espaço, a partir da década de 90, pelo interesse do meio acadêmico, do meio político, pela necessidade de conhecimento sobre a infância e pela real condição em que se encontram as crianças (ALMEIDA, 2000, p.13).

Na perspectiva abordada acima, a infância, etapa da vida humana anterior às outras (adolescência e adulta), é compreendida como uma construção social, inserida num dado contexto histórico-cultural, onde a condição social da criança (sujeito de pouca idade) varia, dependendo da forma de organização e reprodução das condições de vida e de existência nesse contexto, o que implica variáveis como

⁴ Convencionam-se nesse trabalho a utilização de nomes fictícios para preservação da identidade dos sujeitos.

⁵ Os roteiros de entrevistas e questionários aplicados encontram-se nos anexos.

classe social, etnia, gênero, cultura e também o modelo de instituição que essa criança frequenta.

Segundo Pereira, as crianças têm um papel e uma função social definidos, atuantes e imprescindíveis, na vida da família e da comunidade. Nesse sentido, ela ressalta a importância de se olhar as crianças como são, considerando que cada etapa do ciclo da vida pode ser vivida e cumprida na sua totalidade, nas dimensões e atribuições que lhe são próprias (PEREIRA, 1997, p.154).

Desse modo, a referida autora considera que a infância é uma dessas etapas e, em si mesma, encerra um universo de papéis, funções, limites, possibilidades, aprendizados e descobertas que só ocorrem nesse período. O não cumprimento dessa etapa poderá comprometer as etapas futuras.

Nessa direção, Arroyo reforça o que foi dito acima, ao afirmar que “Cada idade não está em função de outra idade. Cada idade tem, em si mesma, a identidade própria que exige uma educação própria, uma realização própria enquanto idade e não enquanto preparo para outra idade” (ARROYO, 1994, p. 90).

De acordo com Sarmiento, não existe *a criança* e sim *as crianças*, que são seres múltiplos, diversos, culturais, com características próprias e direitos que devem ser conhecidos e respeitados. Segundo ele, há várias formas de se olhar para a infância e, nesse sentido, a partir de um estudo sobre a construção e reconstrução da infância inglesa feita por H. Hendrick, em 1994, o autor resume tipologicamente imagens da infância que podem ser encontradas em vários países, inclusive no nosso:

- A imagem romântica da infância, na qual a criança é um ser ingênuo e inconsciente, orientada pelas “leis naturais” e que deve ser preparada para ser o homem de amanhã;
- A imagem de criança-operário, ou seja, a criança que trabalha;
- A imagem de criança delinqüente, que considera os desvios da criança, tratada como “menor” delinqüente;

- A imagem da criança-paciente médico-psicológica e da criança-aluno, que deve ser objeto de cuidados sociais específicos – sanitários, psicológicos ou educacionais;
- A imagem de criança como membro da sociedade do bem-estar, tendo como consequência a criação de políticas sociais e de instituições de guarda delas;
- A imagem da criança como membro da família e da criança pública, em que se destacam políticas de proteção à família e a visibilidade da criança sob a responsabilidade do estado, da sociedade e da família;
- A imagem de criança-cidadã, na qual as crianças são atores de pleno direito (SARMENTO, 1999, p.18-19).

De acordo com o mesmo autor, essas imagens não se sobrepõem de forma linear, mas podem coexistir de diferentes formas, em diferentes contextos sociais e educativos.

Considerando, na atualidade, os aspectos mais gerais, amplamente discutidos nas reflexões teóricas, políticas e pedagógicas que envolvem a criança, sobretudo a imagem da criança-cidadã, para Sarmiento a cidadania da criança implica a garantia de condicionantes que estão interligados: “as condições estruturais para uma inclusão social plena de todas as crianças; instituições respeitadoras do melhor interesse das crianças; a aceitação da voz das crianças como expressão legítima de participação na ‘cidade’” (SARMENTO, 1999, p. 19).

Sem intenção de reduzir a discussão, este estudo, mesmo abordando a crianças que vivenciam suas experiências na instituição de educação infantil/creche, não desconsidera toda a complexidade que envolve o fenômeno da infância e o ser concreto que vive essa etapa da vida humana. Sob essa ótica, entende-se que a organização funcional dessa instituição contemple critérios mínimos a serem observados como um compromisso de todos os envolvidos nesse contexto, e isso

inclui, além dos profissionais, as famílias e a comunidade, tendo em vista um atendimento voltado para os direitos fundamentais da criança⁶.

Na perspectiva dos atores deste estudo, entrevistados, profissionais da creche e famílias, é possível dizer que a criança tem sido entendida como o foco da relação que se estabelece entre ambos e seu protagonismo é destacado, embora seja distinta a maneira como família e profissionais o percebem. Isso pode ser verificado, por exemplo, quando as profissionais da creche afirmam que:

A gente tem que estar propiciando para as crianças esta troca de experiência entre adultos e crianças, tá dando oportunidade pra que essas crianças cresçam, que elas pesquisem, que aprendam alguma coisa através dos métodos que a criança tem, né! E quando a gente tem contato com a família, saber como é o dia da criança, como é essa criança em casa, o que ela gosta, o que ela não vai gostar, a gente pode melhorar o trabalho aqui na creche (Cristina – professora entrevistada em 23/10/02).

O profissional é um ser humano, ele precisa enxergar que assim como ele ensina, ele também aprende. Ele deve identificar as diferentes necessidades da criança, suas várias linguagens, ele (o profissional) cria condições para a criança vivenciar, explorar ambientes... e deve perceber as relações que estão sendo construídas e contribuir para que tudo isso se dê da melhor forma possível (Nívea – professora entrevistada em 16/10/02).

A partir das falas acima, pode-se perceber o protagonismo da criança, o que leva o profissional da creche a considerar que as ações das crianças são objetos de reflexão, sobre as próprias crianças e sobre si mesmo, cujo resultado interfere e pode até modificar a prática do profissional. No caso das famílias, isso é percebido

⁶ Sobre essa questão, Campos e Rosemberg apresentam uma série de direitos considerados necessários no atendimento em uma creche que respeita a criança: o direito à brincadeira; à atenção individual; a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; ao contato com a natureza; à higiene e à saúde; a uma alimentação sadia; a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; ao movimento em espaços amplos; à proteção, ao afeto e à amizade; a expressar seus sentimentos; a uma especial atenção durante seu período de

sob ótica diferente, mas não menos importante, pois as atitudes de seus filhos (ações, reações, expressões...) influenciam e favorecem as relações que elas estabelecem com a creche, como pode ser visto nas falas abaixo:

Eu gosto da atenção que elas (as profissionais) dão para eles (as crianças), né, eu acho isso muito legal... eu converso com elas (as crianças) elas contam (as atividades que fazem creche). (Cinha, mãe entrevistada em 25/07/02).

Ah! eu notei bastante diferença nele (referindo-se ao filho) bastante mesmo! Ele agora é um menino alegre! Antes ele vivia tristonho pelos cantos, porque eu deixava ele (em casa com os irmãos), ele ficava muito sozinho, depois que ele foi para lá (creche) ele dança, canta, liga o som, se dá melhor com os outros (Salette, mãe entrevistada em 12/08/02).

Nesse sentido e sintetizando a questão, Spaggiari chama a atenção para a importância de um projeto educacional que tenha como ponto central a relação entre os três protagonistas da creche. Ele afirma que isso pode resultar em um conceito de educação que reconhece o protagonismo das crianças, definindo uma imagem de criança, a criança em relacionamento, que evidencia como características:

- A satisfação de suas necessidades, a partir de seu protagonismo nas relações com adultos e coetâneos;
- A percepção da criança como sujeito ativo e participante nos processos comunicativos e interativos no contexto circundante; a necessidade de se auto perceber e de ser percebida “por inteiro”;
- A obtenção do prazer de brincar, fazer, falar, pensar, explorar e procurar aprender, compreender e projetar conjuntamente suas experiências vividas na creche;

- A possibilidade da expressão e comunicação através das diferentes linguagens das crianças, todas com a mesma dignidade e valor (SPAGGIARI, 1998, p.101).

2.1.2 Creche

A obrigatoriedade da oferta do atendimento de crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas é preconizada na Constituição Federal e foi consagrada com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. A prescrição legal reconhece a educação das crianças pequenas nesses tipos de instituições como um direito delas e um dever da família, da sociedade e do Estado e também amplia os espaços de participação das famílias, que passam à condição de atores na elaboração, discussão e fiscalização das dinâmicas e propostas educacionais.

Conforme já referido anteriormente, a Lei Federal nº 9.394/96, LDBEN, estabelece que a educação infantil passa a integrar a educação básica, superando, ao menos no aspecto legal, o caráter assistencialista e compensatório que historicamente predominou nos programas de atendimentos à criança. Essa legislação passa a determinar também as atribuições dos estabelecimentos de educação de articular-se com as famílias e a comunidade, buscando a integração entre os mesmos, cabendo principalmente aos docentes a responsabilidade pelas atividades para tal articulação.

Assim, o arcabouço jurídico institucional implementado a partir de 1988 vai redimensionar a Educação Infantil, provocando a ruptura entre as formas tradicionais⁷ de atendimento das instituições de educação infantil e impondo uma outra concepção, que, desde então, passa a exigir uma adequação que implica, parafraseando Cerisara, entre outros aspectos, "... delimitar as funções e objetivos destas instituições de caráter educativo que partilham com as famílias a responsabilidade de educar as crianças de 0 a 6 anos" (CERISARA, 1997. p.01).

⁷ Arroyo (1994), Kuhlmann (1998), Marcílio (1998), Souza & Krammer (1998), Haddad (2002), entre outros, caracterizam tipologicamente as concepções assistencialistas e compensatórias que orientaram as formas tradicionais de atendimento às crianças ao longo dos últimos dois séculos e que se cristalizaram nas práticas institucionais na perspectiva religiosa, filantrópica, médico-higienista e pedagógica.

Em consonância com as diretrizes legais nacionais, o município de Florianópolis/SC, através da resolução nº 003/99, que fixa as normas para a Educação Infantil, no seu artigo 7º, inciso X, determina a competência da instituição de Educação Infantil para elaborar e executar uma proposta pedagógica que contemple a articulação da instituição com a família e a comunidade.

Essa perspectiva consta em documento da Secretaria Municipal de Educação e define que “cada creche ou NEI deve organizar seu trabalho do período de adaptação de acordo com os recursos de que dispõe, sem esquecer a importância de um trabalho integrado à família, neste período e ao longo do ano, tendo-os como parceiros e aliados das ações desenvolvidas no interior da instituição” (FLORIANÓPOLIS, Secretaria Municipal de Educação, 1996. p.37). Como se pode observar pela data do documento, a participação da família nas atividades desenvolvidas pela creche já era uma preocupação prevista pela rede municipal de educação desde esse período.

Nesse sentido, a creche pesquisada tem como prática organizar reuniões sistemáticas com seus profissionais no início de suas atividades anuais, para além daquelas realizadas periodicamente, com a finalidade expressa de organizar, discutir, reformular, conhecer e definir a dinâmica de trabalho a ser desenvolvida e que irá subsidiar os objetivos comuns à instituição e às famílias. Essas reuniões são pautadas na observação do cotidiano da creche e dessa realidade são extraídas as questões e as demandas, a serem revistas ou não, conforme relata a diretora Valéria,

No início das atividades do ano, a gente senta e organiza a sala de um jeito para receber as crianças, daí temos um mês de observação para conhecer as famílias e as crianças, pra ver as necessidades e modificar o PES e o PPP⁸, depois a gente faz uma reunião pedagógica com os professores para planejar diante das necessidades, a partir do relatório de observação que elas (as professoras) fazem, nele tem o que os pais

⁸Segundo Veiga (2000), o PES, Projeto Estratégico Situacional, e o PPP, Projeto Político Pedagógico, são projetos fruto de reflexão e investigação de um grupo de profissionais sobre a realidade de uma instituição situada em determinado contexto. Para sua construção é preciso pensar sobre o papel social da creche, sobre a definição de caminhos, sobre a operacionalização deles, pois devem ser concretizados a partir do envolvimento de todos os protagonistas do processo educativo, para que se constituam em um compromisso político e pedagógico coletivo.

querem, o que eles dizem...” (Valéria entrevistada em 18/10/2002).

De acordo com a fala acima, pode-se perceber que a creche pesquisada, através da observação e de conversas com os pais e com as crianças, tem buscado atender às necessidades das famílias e das crianças, embora ainda as decisões sejam tomadas a partir da interpretação que as profissionais fazem dessas necessidades.

Um outro exemplo que demonstra essa preocupação se refere a observações feitas, no decorrer do ano, por ocasião do processo de eleição para o cargo de diretora de creche⁹. Valéria pretendia se (re)candidatar e, para tanto, deveria escrever um projeto de gestão. Uma de suas pretensões era que nele estivessem contemplados também os interesses das famílias, e para isso, ela e a outra candidata concorrente elaboraram juntas um questionário¹⁰, que foi discutido e entregue às famílias numa reunião. A partir da devolução desses questionários, elas elaboraram seus projetos de gestão. Essa preocupação se manifesta em sua fala da seguinte forma:

A gente (referindo-se a si e à outra candidata) fez uma entrevista pra fazer um novo projeto de gestão, e uma das perguntas é: Você tá participando da creche? Como é sua participação em reuniões e palestras? Se não tá participando, o que poderia ser feito para melhorar? Então a gente tá pedindo sugestões, pra que a gente utilize essas sugestões e tenha outra idéia que de repente a gente não tá tendo, pra que se traga esses pais pra creche, né? (Valéria – entrevistada em 18/10/2002).

Na fala da diretora está apontada a perspectiva de uma gestão mais democrática, e os mecanismos para isso estão sendo construídos. Spaggiari afirma

⁹Em linhas gerais, atualmente, o processo de escolha do dirigente da creche da rede municipal se dá através de eleição, nas instituições, para mandato de dois anos. Os eleitores são compostos por pais e profissionais da instituição. A escolha dos candidatos ao cargo de direção, cujos critérios são definidos pela Secretaria Municipal de Educação, passa por uma seleção preliminar que inclui, entre outros aspectos, a análise do currículo específico, um curso de capacitação para o cargo e a posterior aprovação de um projeto de gestão apresentado por cada candidato.

que as experiências de participação nas creches para uma gestão social são diferenciadas e refletem as concepções teóricas e intencionalidades programáticas diferentes em cada local. De forma sintética, o autor diz que se pode definir gestão social como:

(...) exaltação da sociabilidade e da participação na condução do serviço. Essa definição, de fato, na medida em que objetiva a promoção de uma intensa vida de relação comunicativa entre educadores, pais, crianças e sociedade, valoriza a linha conotativa de fundo de um projeto educacional que tem suas bases e seus objetivos fundados sobre a primazia da relação e da solidariedade. Tal projeto educacional, portanto, concebe a creche como sistema permanente de relações, como sistema educacional de comunicações, de socialização e personalização, enfim, de interação, no qual estão interessados prioritariamente os três sujeitos protagonistas da vida na creche: crianças, educadores e pais (SPAGGIARI, 1998, p.99).

As afirmações do autor acima parecem ser contempladas na fala da diretora em relação à escuta e ao diálogo freqüente para a busca de uma gestão que contemple as necessidades e expectativas dos protagonistas da creche. Essa preocupação é também enfatizada pelos profissionais no desempenho de suas atividades; uma professora, por exemplo, diz que:

[...] no momento que elas tavam falando (as mães), como é que eu vou dizer, vamos supor, o assunto da mordida, que elas vieram comentar, a gente, em cima disso, tentava trabalhar em sala (com as crianças) a questão da agressividade. Através da angústia delas (das mães), ou dúvidas sobre determinados assuntos, através disso a gente tentava trabalhar em sala essas questões, pra tentar melhorar nosso trabalho... então existia uma relação de respeito, de confiança e, por isso, acho, existe um complemento, porque tá se buscando, tá se trocando, existe uma ajuda mútua (Nívea – professora entrevistada em 16/10/02).

Este depoimento aponta a organização do trabalho de uma profissional com um grupo de crianças que considera o que os pais falam, o que eles querem, na busca

¹⁰ O questionário elaborado pelas candidatas a direção encontra-se nos anexos.

de um objetivo comum – a vivência da criança na creche –, satisfazendo tanto suas necessidades e interesses como também os de suas famílias e das profissionais. Essa perspectiva pode ser entendida a partir da afirmação de Spaggiari:

Na creche, intensificar as relações humanas, viver momentos de socialização marcados pela autenticidade de troca, favorecer o diálogo, a agregação e o ficar juntos certamente significa ir até as raízes de muitas das exigências e das aspirações mais verdadeiras de crianças, pais e educadores” (SPAGGIARI, 1998, p.101).

Portanto, pode-se dizer que a creche em foco se caracteriza por ser um contexto que tem como meta o estabelecimento de relações significativas entre os seus protagonistas, que, de uma forma particular, participam de sua gestão, modificando e influenciando as propostas educativas e o planejamento de profissionais que se adaptam à realidade e necessidades dos atores da creche em estudo, e que permite a construção de uma concepção de creche como um contexto relacional.

2.1.3 Famílias

O século XX, sobretudo nas últimas décadas, foi pródigo em grandes e profundas transformações sociais, cujos reflexos afetaram toda e qualquer instituição, dentre elas a família, que tem sofrido modificações na sua forma de organização, bem como nos papéis sociais por ela desempenhados.

É consenso na literatura o entendimento da família como um fenômeno universal que assume várias formas, já que sua composição e configuração variam de acordo “... com as sociedades, seus modos de produção e estruturas sociais, sendo que na sua natureza existem traços que lhe conferem universalidade” (MARTINS; GOMES, 2000, p.180).

Estudar um tema relacionado à família significa pensar sobre a complexidade e heterogeneidade intrínsecas que envolvem esse segmento social do qual todos fazemos parte. Maistro ressalta a inesgotabilidade dessa questão e a diversidade de possíveis perspectivas de análise dessa categoria, ao afirmar que,

Estudiosos do assunto, cada qual na sua área de conhecimento, conferem significados a família a partir de categorias operacionais condizentes com sua perspectiva. Neste sentido, a família tem sido definida sob vários aspectos: do ponto de vista das relações biológicas, da consangüinidade, como *lócus* de reprodução, como unidade de produção e consumo, pelos códigos legais, por padrões de residência, como depositária da cultura, por sua função socializadora, educativa e por vários outros critérios (MAISTRO, 1997. p.38).

Frente às controvérsias sobre a definição do conceito de família, destaca-se a Szymanski (2001), estudiosa ligada a uma perspectiva teórica que discute a institucionalização e o fracasso do modelo burguês de família diante da realidade concreta e da representação que se faz dela, embora esse modelo persista na contemporaneidade como parâmetro. Para ela existe um modelo de “família pensada” como um ideal a ser alcançado, entendida como a certa, a boa, a desejável, determinada, dessa forma, em uma dada sociedade e em um determinado período histórico, e uma “família vivida”, entendida como o modo de viver cotidiano das famílias reais.

Para Szymanski, a idealização que se faz da família, harmoniosa e perfeita, submetendo outras formas de arranjos familiares a pressão social, tem sido um dos grandes limites no relacionamento entre profissionais que trabalham com elas, pois,

Supõe-se ou aceita-se, irrefletidamente, um modelo imposto pelo discurso das instituições, da mídia e até mesmo de profissionais, que é apresentado não só como o jeito ‘certo’ de se viver em família, mas também como um valor. Isto é, indiretamente, é transmitido e captado, o discurso implícito de incompetência e de inferioridade referindo-se àqueles que não ‘conseguem’ viver de acordo com o modelo (SZYMANSKI, 1997, p. 25).

Nesse sentido, a busca da superação desse limite pressupõe a compreensão da diversidade e da pluralidade das relações propostas pelos vários contextos sociais de que se participa, tendo em vista criar um campo de possibilidades para uma relação horizontal e dialógica, particularmente entre as instituições de atendimento as crianças e suas famílias.

O mundo moderno, com o advento do capitalismo, influi sobre a reestruturação das famílias, o que tem como consequência a necessidade de tornar coletivos o cuidado e a educação das crianças pequenas.

Para a finalidade deste estudo, torna-se importante entender a família enquanto instituição socializadora e educativa na relação que estabelece com outros segmentos da sociedade, por exemplo, com a creche, onde compartilha a educação da criança com os profissionais que ali atuam.

Considerando os aspectos ressaltados até aqui, pode-se afirmar que a creche, como espaço de encontro entre profissionais e pais, a partir da década de 80, num esforço para superar os limites (assunto a ser discutido mais adiante), tem questionado as suas práticas cotidianas e discutido sobre a relação creche-família a fim de detectar estratégias de maior participação das famílias na instituição. Como explica Vitoria, atualmente "... é possível encontrar creches abertas, creches mais ou menos abertas, creches fechadas... O processo está ocorrendo, não sem dificuldades (VITORIA, 1997, p. 18)".

Nessa direção, a literatura italiana que discute a relação creche-família e os reflexos dessa relação junto às crianças considera que,

O ponto central é a construção de uma harmonia por parte dos adultos (pais e educadores), conscientes de que ambos têm responsabilidades, emoções, sentimentos, conhecimentos e atitudes diferentes em relação às crianças. Cada criança precisa sentir que faz parte de uma rede de relacionamentos e solidariedades que são uma fonte de segurança e proteção (GALARDINI; GIOVANNINI, 2002, p.125).

De volta à realidade investigada, percebe-se que conhecer as famílias, entender suas dificuldades e necessidades e construir uma relação de parceria, de confiança e de protagonismo entre elas e a creche em estudo têm sido elementos

relevantes, conforme fica evidenciado nos depoimentos das profissionais entrevistadas. As professoras a seguir dizem que:

A relação da família com a creche é de tá conversando mesmo, tá passando, tá tentando resolver os problemas dela (da criança). Então ela (família), tem que tá ciente do meu trabalho aqui, pra me ajudar também com a criança lá na casa, porque se ela (família) não fizer a parte dela, não tem como andar, não dá, a coisa não funciona. (Ester – professora entrevistada 18/10/02).

O mesmo entendimento está presente na fala abaixo:

A creche e a família têm que ser companheiros, têm que sentar e conversar, para gente é importante conhecer a família, pois o papel da família é primordial, senão eu não vou poder trabalhar com a criança. A gente tem que andar junto, sempre conversando, sempre dialogando, sempre visando o bem-estar da criança (Branca – professora entrevistada em 22/10/02).

É também nessa direção a fala seguinte:

Eu acho que a relação (da creche com a família) é super importante, e não só por isso, é como eu te falei, né, que aí a gente passa a conhecer um pouco mais do dia-a-dia da criança, como é a vida da criança, como é a vida dessa família, condições de vida da família, acho que isso é importante pro meu trabalho, pra saber o que a criança faz quando está fora da creche (Cristina – professora entrevistada em 23/10/02).

A aparente abertura à participação dos pais na creche e o interesse em conhecer a realidade das famílias das crianças com as quais trabalham, expressos nas falas das profissionais acima, encontram ressonância nas palavras das famílias entrevistadas, e também permitem identificar o alcance do protagonismo delas no

contexto da creche (liberdade de se expressar, opinar, sugerir, criticar, entre outros), conforme se pode observar a seguir:

Eu falei na reunião, eu achava que deveria ter um passeio, sabe, pra de vez em quando, sabe, uma vez por semana, de duas em duas semanas, pegar o trem da alegria pra passar assim o dia todo, ou depois do almoço, assim à tarde, nem que a gente contribuísse todo mês com um tanto 'x', assim pro passeio (para as despesas)" (Lenir, mãe entrevistada em 09/08/02).

Nesse depoimento percebe-se que a mãe tem liberdade de falar o que pensa e dar sugestões no planejamento das atividades da creche, que as famílias têm conhecimento do dia-a-dia de seus filhos na creche, como podemos observar também na fala a seguir.

Eu participo nas reuniões, o ano passado eu era do grupo que escolhia as crianças, a comissão de escolha de vagas eu participei... quando eu vou na creche, eu chego lá, fico um pouquinho, daí eu converso com todo mundo e com todas as crianças que chegam, eu conheço elas e também bastante das mães (Silvia, mãe entrevistada em 13/08/02).

Nessa fala percebe-se que as famílias participam da organização, estruturação e definição dos grupos de crianças para o início das atividades na instituição, que têm livre acesso às dependências da creche, que podem conhecer todos os locais e todos os protagonistas com quem suas crianças têm contato.

Diante do exposto até aqui, importa ressaltar a co-responsabilidade da família e da creche na educação das crianças pequenas, entendendo que cada uma dessas instituições são contextos diferentes, onde as crianças vivem e aos quais pertencem e que envolvem uma complexa rede de significados. A criança é, pois, o ponto de encontro e objetivo comum dessas instituições, estando, portanto, no cerne de uma dinâmica relacional complexa. No item a seguir aborda-se a discussão acadêmica acerca dessa temática.

O conhecimento construído sobre as creches públicas e a educação infantil esteve durante muito tempo subordinado a paradigmas que dificultavam sua evolução social e pedagógica – por um lado os modelos assistencialistas, por outro, os modelos pedagógicos escolares. O assistencialismo, nas sociedades modernas, se caracterizava, entre outros aspectos, pela aplicação de políticas sociais que, via de regra, objetivavam remediar as mazelas causadas pela superexploração do trabalho ou então atender, mais especificamente, às necessidades da mão-de-obra feminina geradas pela inserção da mulher no mercado de trabalho. O paradigma pedagógico escolar, seja de que matiz for, faz com que o processo singular da primeira infância seja confundido, por um longo tempo, com os modelos disciplinares de uma educação formal escolarizante. Mas as idéias recentes a respeito da infância tornaram urgente uma nova concepção tanto da creche, de sua prática e organização cotidiana, quanto do desenvolvimento de uma pedagogia específica que de fato respeite as singularidades dessa etapa da vida humana.

Novas experiências de creches públicas em vários países do mundo, especialmente na Itália, bem como novas literaturas de caráter interdisciplinar, congregando a pedagogia, psicologia, a sociologia e a psicossociologia, trouxeram novos critérios, conceitos, práticas organizacionais e princípios para uma pedagogia da educação infantil e do trabalho realizado nas creches públicas.

Pondera-se que uma pedagogia voltada para essas creches só poderia avançar ao estudar os confrontos, os conflitos, as diferenças e a diversidade de um modo positivo, entendendo-os como inerentes ao que se denominou relação pedagógica triádica, envolvendo as crianças, a creche e as famílias. Para esta pesquisa interessa evidenciar, no estudo de caso, quais elementos podem possibilitar a construção de uma relação entre creche e família considerada “boa”, não olvidando que existem problemas complexos nesse relacionamento.

Dessa forma, torna-se inicialmente necessária a instrumentalização teórica a partir da literatura existente, tornando-se igualmente necessário um detalhamento dessa bibliografia, especialmente sobre a contribuição italiana¹¹. Isso para que se possa sintetizar o máximo de informação possível dentro das novas concepções

¹¹ Fazer esse cotejo com a experiência italiana não significa querer transportar para a realidade das creches brasileiras o que acontece naquele contexto. No entanto, conhecer um outro jeito de pensar e fazer a educação

internacionais e interdisciplinares que tendem a dar voz e poder de ação a todos os protagonistas envolvidos no processo dinâmico e reflexivo das creches.

Buscou-se, neste estudo, o domínio do instrumental teórico e experimental construído por diversos autores a fim de poder aplicar seus conceitos, métodos e princípios na análise de um caso concreto, desde a observação, a escolha das formas de coleta dos dados, até a apresentação, análise e interpretação desses dados.

2.1.4 As contribuições

A literatura sobre a educação infantil e creches, no contexto delimitado pelas relações triádicas criança - creche - família, para além das considerações das teorias e paradigmas pedagógicos escolares ou assistencialistas, vem construindo uma outra abordagem a partir do *Manuale Critico dell Asilo Nido*, organizado por Ana Bondioli e Susanna Mantovani, elaborado com base nas experiências concretas em uma rede pública de creches no norte da Itália, que se irradiaram por várias regiões e cidades desse país. Essa obra é fundamental para o entendimento das relações complexas que estão em jogo na dinâmica famílias, crianças e profissionais. Numa demonstração da relevância dessa contribuição, Faria afirma que trata-se do “[...] primeiro livro completo traduzido sobre o país que, através da rede pública, melhor cuida e educa suas crianças pequenas” (FARIA, 1998, p. vii).

Nesse sentido, a revista americana Newsweek indica uma “escola da infância” da cidade de Reggio Emilia como uma das melhores escolas do mundo. Muitas delegações estrangeiras provenientes de vários lugares do mundo têm feito das “escolas da infância” dessa cidade objeto de estudo e observação [...] tornando-se assim ponto de referência nos estudos sobre a escola infantil em nível internacional” (ZIGLIO, 1999, p. IX)

Considerando a perspectiva desses estudos, a creche passa a ser entendida como um espaço de encontros e discussões sobre problemas comuns a ela e à família, que incidem diretamente sobre o desenvolvimento integral da criança e

infantil pode servir de subsídio para repensar as nossas instituições e a forma como as mesmas se relacionam com as famílias.

sobre as diretrizes educacionais e administrativas que norteiam seu cotidiano, em suas múltiplas relações. Nessa direção, Faria ressalta que:

Embora iniciada sem uma tradição pedagógica, como já mencionado, agora podemos notar em andamento uma pedagogia não-escolar para as creches, superando o assistencialismo, integrando educação e cuidado, envolvendo as crianças e adultos, contemplando as famílias, organizando o espaço, observando, elaborando projetos ao invés de trabalhar com disciplinas curriculares, garantindo a construção da cultura infantil principalmente através do convívio entre pares; enfim, a creche como um lugar privilegiado para os adultos conhecerem as crianças e, portanto, também como um local de educação de adultos, uma instituição formadora. (FARIA, 1998, p.viii).

Bondioli e Mantovani enfatizam a diversidade e a variação dos contextos onde as creches estão inseridas como um dos limites para definir um arcabouço conceitual pedagógico capaz de criar uma “identidade própria e oficialmente reconhecida”; no entanto, isso também é seu campo de possibilidades, pois permite, de forma flexível e interdisciplinar, lidar com essa categoria a partir de uma dinâmica intensa.

Todavia, considerando a necessidade mínima de síntese, as autoras apontam três planos diferentes e interligados que, de uma forma geral, possibilitam caracterizar a creche nesses contextos. Uma primeira perspectiva é definida dentro de um quadro geral das “políticas para a infância”, considerando a creche como um serviço, definindo-se, portanto, dentro de um modelo político-social. Uma segunda perspectiva define-a como um observatório privilegiado onde se pode obter elementos inéditos a respeito do desenvolvimento infantil. Uma terceira perspectiva ressalta a creche como instituição formadora, que pressupõe uma pedagogia que, mesmo ainda em seus primórdios, deve ser reconhecida e sustentada, originando uma concepção de creche como agência socializadora (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, p.18).

Pode-se resumir dizendo que, na embriogênese do movimento da “nova creche”, surgido na Itália, cruzam-se uma perspectiva político-social, uma perspectiva humana e uma terceira, que, de certo modo, engloba as duas outras,

pois pensa a creche como espaço de socialização e de interação social entre os três protagonistas: os profissionais, as crianças e as famílias.

Ponderando sobre o exposto acima, nos últimos anos, segundo as autoras citadas, tem-se disseminado a idéia de que a creche é um direito não só para a mãe, mas também para a criança, de onde se pode inferir que essa perspectiva guarda semelhança com as mudanças ocorridas no cenário nacional, conforme já foi referido. No entanto, as mesmas autoras ressaltam a complexidade inerente à relação creche-família, sujeita ao conjunto das mudanças e das transformações sociais, afirmando que:

Esta mudança de ótica, todavia, não desmente a idéia básica de que a creche, como serviço, tem como referente a família, enquanto instituição capaz não apenas de fornecer ela mesma serviços, mas também de mediar e redistribuir prestações provenientes do “poder público”. É realmente uma abstração pensar nas necessidades da criança como aspectos separados da realidade social na qual se encontra inserida e, portanto, das necessidades da própria família. (...) A relação entre creche e família, nessa ótica de política social, articula-se então em uma dupla problemática. Por um lado existe um problema de definição nas linhas de tendências relativas às transformações da instituição familiar e de adequação do serviço em relação a tais tendências; por outro, trata-se de um problema de igualdade de oportunidades que as políticas de *welfare* procuram garantir, tendo presente o amplo leque das tipologias familiares. (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, p. 19).

Essas estudiosas enfatizam a relevância dos protagonistas envolvidos na relação creche-família: os pais, os educadores e a criança, pois, a partir deles, vêm-se constituindo procedimentos e atitudes que já compõem uma compilação peculiar, estabelecida cientificamente, baseada em uma série de experiências educativas interessantes e significativas, e que se caracteriza tanto pelo empenho dedicado ao desenvolvimento de uma identidade específica da creche, como também apontando diretrizes para uma pedagogia da relação.

De acordo com essa perspectiva, a creche pode ser definida como um espaço físico e humano a ser pensado, projetado e construído tanto do ponto de vista organizacional e administrativo, quanto do ponto de vista educativo e das

relações humanas. Quanto à pedagogia da relação, Bondioli e Mantovani se referem a ela como:

[...] uma intervenção educativa que age sobre o sistema de trocas sociais, utilizando-o como instrumento de crescimento. Através das trocas sociais, isto é, através das relações que progressivamente se entrelaçam e se aperfeiçoam entre a criança sozinha e os adultos – e entre crianças no grupo de jogo - cria-se um conjunto de significados compartilhados, uma espécie de “história social” que é típica de uma determinada creche, em um período específico, constituído pelo conjunto das rotinas (que criam expectativas), pelas regras, pelas divisões temporais (que criam ritmos reconhecíveis), permitindo assim também o gosto pelo imprevisto, pelos significados e pelas funções que objetos e pessoas assumem naquele contexto particular. (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, P.29).

Conforme as autoras citadas, confrontam-se na relação creche-família saberes e identidades que se constituem como entraves, dificultando o relacionamento entre elas, pois se trata de instituições interligadas, mas não paralelas, que precisam de momentos de encontro e comunicação. Eis o essencial do que se denominou uma “pedagogia da relação”, que implica uma “pedagogia dos adultos”, já que os sujeitos adultos também participam de momentos formativos.

Essa complexa dinâmica relacional vivenciada pela creche e pelas famílias é discutida por Bonomi (1998), como uma prática essencial no compartilhar a educação das crianças pequenas, constituindo-se num dos aspectos mais difíceis e conflitantes do cotidiano das creches e exigindo um trabalho de reflexão e pesquisa, e também de atualização e de formação específica.

O autor citado acima ressalta o papel determinante dos profissionais da creche na busca de um relacionamento “satisfatório” com os pais, que pode possibilitar a superação de posturas e práticas tradicionais verticais, calcadas numa ideologia¹² de caráter educacional, institucional-organizacional e social que desconsidera a perspectiva relacional existente entre esses atores.

¹² Baseado em Bonomi é possível identificar algumas características específicas dessa visão de relação: 1. O caráter verticalizado da relação entre a creche e as famílias, em que a primeira detinha um poder/saber sobre a segunda; 2. O caráter generalizante e massificante que a creche atribui às famílias, desconsiderando a diversidade e a singularidade de cada uma; 3. O caráter utilitário dessa relação.

Segundo Bonomi, o entendimento que cabe aos profissionais acerca da gestão dos relacionamentos dos envolvidos na creche evidencia a urgência de reflexão e confronto sobre essa questão, que vai deixando de ser algo implícito, escondido, não discutido, mas vivenciado, pois, de acordo com o autor, a relação que se estabelece entre os profissionais da creche e pais constitui-se em um fenômeno que incide, pelas implicações que possui,

[...] sobre a imagem e identidade da creche, sobre a qualidade do profissionalismo das educadoras, mas, sobretudo pela contribuição que a experiência do adulto, pai ou não, pode dar, para esclarecer a educação da criança pequena (BONOMI, 1998, p. 171).

De um modo geral, o conhecimento sistematizado pelos autores supracitados acerca das experiências desenvolvidas pelas creches italianas constitui-se em referência para a construção de uma prática organizacional e pedagógica e para a constituição de um saber específico sobre a educação infantil. A análise dessas experiências permitiu criar soluções operacionais significativas, em que a creche se coloca objetivos de interação com a coletividade na qual está inserida e, desenvolve, com modalidades diversificadas, um trabalho de socialização, formação e suporte em relação à família.

Nessa direção, no início da década de 1980 as pesquisas no contexto brasileiro, sem conhecer ainda a experiência italiana, já se preocupavam com os eventos que ocorriam no cotidiano da creche e o impacto deles nas relações com as famílias. Desde então, os estudos têm ampliado e avançado na busca de superar os conflitos e os impasses detectados nessa relação, procurando uma aproximação entre ambas através da abertura da creche às famílias.

Já em meados da década de 1980, Haddad percebe a necessidade de aproximar os dois pólos dessa relação, vendo a instituição como a propulsora disso. Nesse sentido, a autora sustenta que um dos objetivos principais da creche é o envolvimento dos profissionais com os familiares de um modo organizado, buscando aliviar as tensões e conflitos existentes entre os dois pólos através da discussão de seus problemas e levantamento de estratégia de ação; sua preocupação com o tema expressa-se da seguinte forma:

Minha maior inquietação de início, ponto de partida para essa pesquisa, foi como se dava a relação creche-família. A meu ver era uma relação de distância. Não existia uma interação propriamente dita de troca, de reconhecimento uma da outra. Nem a creche reconhecia a família como legítima, nem a família reconhecia a creche enquanto legítima. [...] o aspecto da vigilância da mãe sobre a creche e do funcionário sobre a mãe. De fora para dentro era mais um desejo de vigilância, curiosidade de saber o que se passava no interior da creche. De dentro para fora, era no sentido de julgar e controlar o comportamento das mães (HADDAD, 1987, p.72).

Em que pese a herança assistencialista (compensatória e estigmatizante) e o caráter vertical na realidade da creche brasileira, fica evidente o movimento embrionário de mudanças que propõem a reflexão sobre as práticas cotidianas da creche, antes implícitas e veladas, movimento apontado pelos estudos italianos também como uma realidade vivenciada naquele país e que se tornou uma preocupação, conforme ressalta Hadadd:

[...] a necessidade de vivenciar o conflito e ao mesmo tempo fazer sua leitura para poder atuar e conseqüentemente ajudar o grupo de funcionários a pensar. Duas condições se fizeram necessárias: um suporte teórico e uma supervisão direta do trabalho. [...] ao mesmo tempo em que estava sendo alvo de projeção desse conflito, vivenciando-o num completo envolvimento, eu também estava me instrumentalizando de leituras que não estavam sistematizadas em relação a esse tema (HADDAD, 1987, p.74).

Estudos dessa natureza apontam a relação creche-família como um objeto de análise sujeito a intervenção de caráter recíproco, propositivo no sentido de vencer o distanciamento entre essas instituições, abrindo a creche à participação da família e no investimento na formação dos profissionais. Nesse sentido, desde então a creche caminha para uma perspectiva de tornar-se também um espaço de formação de adultos profissionais, embora ela ainda seja enfatizada nessa relação como detentora dos processos decisórios (HADDAD, 2002).

Nessa direção, porém num outro contexto, perpassado por mudanças e redimensionamentos jurídico e sócio institucionais, Maistro, discutindo a relação creche-família, também identifica a permanência dos mesmos entraves e conflitos

destacados acima e que ela considera como limites que contribuem para a permanência do distanciamento entre essas instituições, que, segundo a autora, resulta na construção cotidiana de um “muro de isolamento” entre a creche e as famílias, “caracterizado pelo silêncio ou pelo ‘nada a reclamar’ dos pais, e pelas queixas da creche sobre a pouca participação das famílias” (MAISTRO, 1997, p. 167), imperando nessa relação a indiferença, a desconfiança, o pouco diálogo e muitas cobranças, em que a participação das famílias é determinada pela creche.

Segundo a autora citada acima, as famílias aceitam o “poder vertical” que a creche detém buscando mecanismos de proteção, pelo medo dos preconceitos, das discriminações e da possível perda de vaga de seus filhos. Isso parece indicar a permanência de uma concepção de creche como instituição de tutela, de favor, de caridade e não um direito das crianças e de suas famílias.

Maistro (1997) considera que ainda são muito pontuais os esforços para uma aproximação entre essas instituições. Para ela, é necessário que se democratizem as relações, que exista um diálogo possibilitador de explicitação cotidiana de suas diferenças e de suas expectativas, e que suas funções e papéis, embora distintos, sejam complementares. A autora ressalta ainda a falta de formação profissional para possibilitar um trabalho com as famílias em todas as situações que se apresentem na instituição, pois uma das marcas do contexto investigado por ela foram as indefinições quanto ao papel educativo da instituição, que se refletiu nas dificuldades de consolidação do papel e da função das educadoras, o que resulta no conseqüente distanciamento entre a creche e as famílias.

Seguindo na mesma direção discutida, Vitoria reforça a necessidade de investimento na formação profissional ao afirmar a importância do,

[...] preparo das educadoras de creche para estabelecer e manter um bom relacionamento com as mães e/ou famílias das crianças com quem trabalha, tendo clareza desta tarefa como parte do seu trabalho, caracterizado como atendimento e prestação de serviços especializados em educação (VITORIA, 1998, p. 18).

A autora avança no sentido de que é preciso pensar além das necessidades da creche, as da família também. Nesse sentido, Vitoria propõe formas de

intervenção a serem construídas que contemplem a participação das famílias nas atividades da creche, buscando encarar os conflitos a partir de contínuas negociações, transformações e ressignificações no contato que ambas as instituições estabelecem: a construção de projetos voltados para essa intencionalidade, planejamento dos primeiros dias na creche, reuniões com o objetivo de formar pequenos grupos com aqueles pais e profissionais que estejam interessados em refletir sobre os assuntos específicos, entre outras atividades correlatas.

Ratificando o exposto até aqui, Oliveira et al. (1998), que também discutem a relação creche-família, identificam os mesmos limites, os conflitos de várias ordens – a indefinição dos papéis, as formas de participação determinadas pela creche –, e também as mesmas proposições – abertura da creche à família, ênfase no diálogo aberto, na formação profissional, na democratização da participação. No entanto, ressalta-se sua contribuição, assim como a de Vitoria, no sentido de qualificar o tipo de relacionamento que se quer ter com as famílias da creche. Um relacionamento desejável, que ela qualifica como *bom*, definido em seus termos, sendo isso uma conquista diária (VITORIA, 1998, p.117-118).

Numa outra perspectiva, Fonseca enfatiza as formas de participação como eixo norteador na relação que as famílias das crianças estabelecem com a creche. Ela também aponta para compreensão de que a participação dos envolvidos na instituição não ocorre de forma harmônica e sem dificuldades por nem sempre terem o mesmo significado para seus atores. Esse significado pode originar-se de condições diversas de ordem social, política ou cultural que se modificam com o tempo e com a história. No entanto, propõe pensar conjuntamente as formas de participação a partir das necessidades que surgem no processo participativo, considerando, segundo ela, que [...] estratégias de tempo prolongado perdem sentido e poder de ação, se não forem redimensionadas, ciclicamente, a fim de fortalecer as relações e as dinâmicas sociais no interior das instituições educativas (FONSECA, 2000, p. 100).

Nessa perspectiva, percebe-se que a discussão sobre a relação creche-família não arrefeceu, porém houve poucos avanços, permanecendo ainda no plano de evidenciar os limites e se mostrando carente no sentido de apontar propostas mais eficientes voltadas para possibilidades de aproximação entre essas instituições.

Tendo percorrido o caminho proposto por essas abordagens sobre a relação creche-família, pôde-se observar os avanços e os limites que têm balizado as reflexões sobre a temática. Com Haddad, evidenciou-se uma relação de conflito entre as duas instituições e a autora aponta um caminho no qual a creche se coloque como um contexto de relação diferenciado da família.

Maistro também trata do conflito presente na relação creche-família, ressaltando a permanência da herança assistencialista e o poder vertical que a creche detém e a indefinições dos papéis. A autora avança no sentido de apontar para uma aproximação dessas instituições através de um diálogo que possibilite esclarecer as diferenças e expectativas delas, tendo em vista as indefinições dos papéis e funções que resultam em um distanciamento entre elas devido a uma lacuna na formação profissional, conforme também observou Haddad.

A perspectiva de Vitoria, consoante com as anteriores, aponta para as mudanças históricas na concepção e função da creche, como também preconiza uma formação profissional que permita compreender as relações com as famílias como parte do trabalho da creche. Assim como Maistro, ela retoma a proposta da colaboração, do diálogo diário, que possibilite conhecer e enfrentar conflitos com respeito, negociações e ressignificações contínuas.

A contribuição de Oliveira et al, entre outras, é no sentido de buscar qualificar a relação entre creche e família a partir de estratégias pensadas e construídas no dia-a-dia que garantam o que ela chama de um *bom relacionamento*.

Fonseca, como vimos, discute a participação como um processo que vai se construindo cotidianamente entre os atores que vivenciam momentos comuns na creche. As garantias para uma participação democrática das famílias na creche é também um ponto em comum entre os autores discutidos

Retomando os italianos, percebe-se que eles, além de propor, também vivenciam a experiência da creche como um contexto relacional que reconhece a importância dos três protagonistas da creche – crianças, pais e profissionais, com as suas respectivas contribuições – para a educação das crianças na creche. Mais que um serviço, consideram essa instituição também como um observatório, uma instituição formadora e uma agência socializadora, apontando para uma pedagogia

específica, uma Pedagogia da Educação Infantil, que envolve, entre outras, a Pedagogia da Relação e a Pedagogia dos Adultos.

Para além das contribuições específicas já referidas e tendo a clareza de que o foco do estudo em questão é a relação creche-família, com o objetivo de identificar e evidenciar elementos possibilitadores de uma boa relação, considera-se também a importância da contribuição dos estudos de outras áreas de conhecimento que abordam transversalmente o tema, no intuito de subsidiar a compreensão e análise da relação em estudo entre eles, como os autores condensados no dossier *As cores da Infância*, organizado por Maria Manoel Vieira e José Manoel Resende, que, parafraseando Fernandes e Resende, “(...) percorre a temática da criança nas suas múltiplas facetas, que vão da descoberta de uma Sociologia da Infância às preocupações inerentes à socialização e educação das crianças nas sociedades modernas” (FERNANDES; RESENDE, 2000).

Esta revisão bibliográfica, que não esgota as fontes teóricas e documentais desta pesquisa, procurou trazer os aportes teóricos da bibliografia atualizada sobre o problema social da infância e da família e sobre a importância dos três protagonistas sociais envolvidos nas relações entre creches e famílias: as crianças, a creche e as famílias. A partir dessa revisão, pode-se entender que, nas relações sociais que se estabelecem, os atores envolvidos devem ter papel ativo e autônomo. A afirmação dos autores considerados, unânimes quanto a esse fato, parece indicar sua importância para quem quiser pensar a questão das creches e de suas relações com as crianças e seus familiares.

3. O CONTEXTO E OS PROTAGONISTAS DA PESQUISA

3.1. A contextualização

Este tópico tem como finalidade contextualizar em linhas gerais o universo da pesquisa, enfatizando especialmente a comunidade onde a creche investigada está inserida a partir de uma breve descrição histórica de seu surgimento. As informações utilizadas nesta reconstituição baseiam-se nas seguintes fontes de dados: visitas a órgãos públicos, como a Assessoria de Planejamento da Secretaria de Educação do Município de Florianópolis/ASPLAN, o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis/IPUF, pesquisa bibliográfica, documental e histórica e entrevistas.

O município de Florianópolis, composto por 12 distritos administrativos, possui uma área territorial de 436,50 km², dividida em duas partes de terra, a insular, de 424,40 km², e a outra, localizada na área continental, com 12,10 km². As duas porções do município, ilha e continente, estão unidas por três pontes, Governador Hercílio Luz, Governador Colombo Machado Salles e Governador Pedro Ivo Campos. A população moradora atualmente na cidade é de aproximadamente 271.281 mil habitantes.

A economia do município é caracterizada pelas atividades de comércio, prestação de serviços públicos, indústria de transformação e turismo e, em crescimento significativo, a indústria do vestuário e informática.

Florianópolis tem como principais atrativos turísticos suas praias, trilhas rústicas pelo interior da ilha, locais com características originais das primeiras comunidades de imigrantes, o conjunto de fortalezas oitocentistas e sítios arqueológicos pré-históricos. Seu folclore tem influência lusitana e açoriana, caracterizando sua estrutura sociocultural. A área urbana insular do distrito sede de Santa Catarina é composta pelos bairros Agrônômica, Centro, Córrego Grande, Pantanal, Costeira do Pirajubaé, Itacorubi, João Paulo, Monte Verde, Saco Grande, José Mendes, Saco dos Limões, Santa Mônica e Trindade. A composição da área

urbana continental é feita pelos bairros Balneário, Canto, Capoeiras, Coloninha, Estreito, Itaguaçu, Coqueiros, Bom Abrigo, Abraão, Jardim Atlântico e Monte Cristo (FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal, 1999. p.15-38).

3.1.1. A estrutura básica de atendimento da Educação Infantil em Florianópolis: dados gerais

O atendimento de crianças de 0 a 6 anos na cidade de Florianópolis iniciou-se em 1976, quando o Departamento de Educação da Secretaria Municipal da Educação, Saúde e Assistência Social - SEAS, criou o Programa de Educação Pré-escolar. Essa forma de atendimento tinha um caráter compensatório, seu objetivo precípuo era suprir carências alimentares, afetivas e cognitivas de crianças provenientes de populações carentes, através de unidades-piloto a serem implantadas no interior da Ilha e do Continente (FLORIANÓPOLIS, Secretaria Municipal de Educação , 1996, p. 8-9).

De acordo com Ostetto (2000, p. 35), esse programa tinha também o caráter preparatório para a escola primária, pois os seus objetivos “[...] dão a dimensão da estreita relação que se estabelece entre Educação pré-escolar e escola de primeiro grau. Mais ainda quando vemos a faixa etária contemplada no projeto: quatro a seis anos”.

Segundo a mesma autora, os princípios referentes a uma educação compensatória defendidos pelo Programa parecem indicar uma influência da política do Ministério de Educação e Cultura¹³, a partir da criação da Coordenadoria de Educação Pré-Escolar¹⁴, em 1975, que incentivava a criação de setores de educação pré-escolar nas prefeituras. Os Núcleos de Educação Infantil¹⁵ foram pensados, nesse período, como unidades de ensino onde as atividades diárias realizadas com as crianças seriam de quatro horas, em espaços físicos comportando de 20 a 25 crianças.

¹³ Abreviado pela sigla MEC

¹⁴ Abreviado pela sigla COEPRE

¹⁵ Abreviado pela sigla NEI. Cabe ressaltar nesse ponto, a diferença entre NEIs e creches. De acordo com informações obtidas junto à SME de Florianópolis, atualmente, as creches do município atendem preferencialmente crianças de 0 a 6 anos de idade em período integral, das 7 h. às 19 h. e os NEIs atendem preferencialmente crianças de 4 a 6 anos de idade em período parcial, das 7 h. às 13h. e das 13hs às 19 h.

Para a definição da instalação, na época, das primeiras unidades de educação infantil, foi elaborado pelas assistentes sociais da SEAS um diagnóstico que contemplou inicialmente três comunidades: a do Ribeirão da Ilha, a do Rio Vermelho e a da Coloninha, com expansão prevista para outras comunidades nos anos seguintes. De acordo com Ostetto, somente o NEI Coloninha foi inaugurado em 1976, ficando a criação dos demais NEIs, do Rio Vermelho e do Ribeirão da Ilha, adiados para os anos seguintes.

Isso contraria a informação que consta no documento *Traduzindo em ações: das diretrizes a uma proposta curricular – Educação Infantil*, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis em 1996. De acordo com ele, o atual NEI São João Batista (NEI São João do Rio Vermelho) e o NEI Ribeirão da Ilha foram inaugurados também em 1976.

Do ano de 1976 a 1984, o município passou a dispor de 22 unidades entre creches e NEIs, atendendo aproximadamente 1900 crianças. No ano de 1985 foi criada a Secretaria Municipal de Educação¹⁶, e com ela a Divisão de Educação Pré-Escolar¹⁷, e a SME se desmembrou da Secretaria da Saúde e Assistência Social.

Em 1994, período do governo da Administração Popular, foi criado o Movimento de Reorientação Curricular¹⁸, tendo como objetivo fundamental a participação de todos os profissionais da educação no processo de elaboração e concretização do currículo nas unidades escolares, nas creches e NEIs, e indicando uma possibilidade de pensar e refazer o currículo da Rede Municipal de Educação¹⁹(FLORIANÓPOLIS, Secretaria Municipal de Educação, 1996, p.11-12).

Resumindo cronologicamente o período de criação e expansão da estrutura básica de atendimento, dados sistematizados por Ostetto (2000, p. 94-100), verifica-se que de 1976 a 1981 são criadas 11 instituições de atendimento a crianças de 0 a 6 anos (NEIs e creches); de 1982 a 1986, mais 25 instituições de mesmo caráter; de 1987 a 1991, mais 10 instituições e de 1992 a 1996, mais 17 instituições.

No ano de 1996, a partir do documento *Traduzindo em ações: das diretrizes a uma proposta curricular – Educação Infantil* (1996), a autora identifica um total de 57

¹⁶ Abreviado pela sigla SME

¹⁷ Abreviado pela sigla DEPE

¹⁸ Abreviado pela sigla MRC

¹⁹ Abreviado pela sigla RME

unidades em funcionamento, e dessas, 37 são NEIs e 20 são creches, ressaltando extinções de NEIs ou transformações de NEIs em creches.

Os mapas da SME²⁰ indicam que, ao final do ano de 2001, a RME comportava 62 instituições de atendimento a crianças de 0 a 6 anos, e desse total 28 eram creches, 20 eram NEIs e 14 NEIs vinculados. Em maio de 2002 o número total de creches municipais chegava a 32.

De acordo com Füllgraff (2001), os serviços de educação às crianças de 0 a 6 anos nas instituições de educação infantil têm se evidenciado como uma questão complexa. Alguns estudos têm indicado que o fato da educação das crianças em creches e pré-escolas não ser obrigatória como ocorre no ensino fundamental, mas sim uma opção da família, dificulta uma avaliação da demanda por esses serviços. Sendo que, um indicativo dessa demanda tem sido demonstrado nas próprias instituições, pela existência de listas de espera por vagas²¹.

3.1.2. A comunidade

Segundo os dados registrados pela ASPLAN, anteriores à construção da creche, mas sem data precisa, a população da comunidade em foco caracterizava-se por ser predominantemente jovem, com famílias compostas por 4 a 6 pessoas, oriundas do sul e oeste do estado. A maioria possuía primeiro grau incompleto e instabilidade profissional, com ênfase na atividade alcunhada de *biscate*, com renda familiar média variando entre um e dois salários-mínimos.

Os problemas levantados pela ASPLAN indicavam a necessidade da instalação de uma creche nessa comunidade, devido à falta de vagas em estabelecimentos de educação infantil nas proximidades, objetivando principalmente atender crianças que ficavam em casa enquanto seus pais trabalhavam. Nesse período, a área onde a comunidade está localizada carecia de infra-estrutura básica (pavimentação, drenagem, ligação domiciliar de esgoto, iluminação pública,

²⁰ Os mapas encontram-se nos anexos

²¹ Para obter maiores informações sobre a demanda por creches e pré-escolas ver em: Füllgraf, Jodete B. Gomes. A infância de papel e o papel da infância. Nesse trabalho, a autora busca investigar as condições de acesso às instituições públicas da RME de Florianópolis e as alternativas que as famílias encontram para garantir tal acesso.

regularização do loteamento, que fora ocupado de forma desorganizada, além da falta de serviços públicos na área da saúde/posto de saúde).

Entrei em contato com a Secretaria de Habitação do Município e conversei com o arquiteto João Maria Lopes, responsável pelo projeto de urbanização da área onde se localiza a creche investigada. Ele me informou sobre sua monografia para o curso de especialização em arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *Habitação Popular: diretrizes para uma política habitacional no município de Florianópolis*.

Segundo Lopes, em 1990 foi feito um projeto caracterizado por um remanejamento das famílias de baixa renda que ocupavam uma determinada área da parte continental da cidade de Florianópolis, onde se encontra a creche pesquisada. O projeto compreende uma área de 32.000.000 m² e beneficiou 144 famílias de baixa renda. Esse tinha a característica de “Lotes Urbanos”, devido à falta de recursos para construção de moradias. De acordo com ele,

Esse projeto foi desenvolvido a partir de um decreto municipal, declarando a área de Interesse Social para fins de desapropriação e atendimento das famílias de baixa renda no próprio local. Essa medida ocorreu devido a ameaça do proprietário em desalojar 144 famílias através de um processo de reintegração de posse. (LOPES, 2000, p. 78)

O Centro de Apoio e Promoção do Imigrante - CAPROM, o Centro de Educação e Evangelização Popular - CEDEP, e o Centro Acadêmico Livre de Arquitetura - CALA/UFSC, colaboraram na ocupação do terreno, que ocorreu de forma organizada.

Aconteceram diversas reuniões entre representantes da própria comunidade e técnicos da Prefeitura, com o apoio do movimento pela moradia (CAPROM, CEDEP e CALA), resultando na aprovação do projeto pela comunidade. Foram realizados ainda projetos de infra-estrutura, com a devida implantação de forma gradativa. Ainda assim houve algumas modificações na área, decorrentes da implantação da infra-estrutura urbana (abertura de ruas, redes de água esgoto e

energia elétrica, criação de áreas de lazer, etc.). Lopes destaca que ocorreram também alterações da clientela devido à comercialização imobiliária,

[...] uma parte das famílias cadastradas já não era mais a mesma. Esse processo é muito comum nessas áreas e difícil de conter [...] e também invasões dos espaços de uso público previstos, por parte de alguns beneficiários, que ultrapassaram os limites delimitados para seu lote, ocorrendo também avanços sobre as extremas dos vizinhos e expansão da ocupação sobre uma área destinada a implantação de uma via (LOPES, 2000, p. 79).

Para a elaboração do projeto de ocupação das comunidades, as entidades organizadoras e a assessoria técnica discutiram os conceitos, chegando-se a um acordo com a definição de lotes com área em torno de 125 m², conforme possibilidade prevista na Lei Federal 6-766/67, considerando o sistema viário e espaços de uso comunitário e lazer. Uma atenção especial foi dada aos espaços de uso comunitário, e uma grande área central foi destinada a esse fim, além de áreas menores distribuídas em quadras. Entre esses projetos estão incluídos a construção do centro comunitário e de produção, a creche e a área de lazer.

3.1.3. Um breve histórico da creche pesquisada

Segundo entrevista com o Secretário Regional do Continente de Florianópolis, engenheiro Dalton Silva, a construção da instituição selecionada começou por volta do ano de 1994, depois da negociação de um terreno localizado na comunidade,

[...] o terreno era propriedade particular, com a ocupação da comunidade, o que acontece? Desapropriação do proprietário, que é uma construtora, que já tinha o projeto de construção de um condomínio aprovado. A prefeitura embarga a obra, depois de muita pressão do poder público, do prefeito e da

comunidade, e muitos encontros e negociações, a gente chegou a um acordo. A construtora ganha a reintegração de posse em troca da construção de uma creche para a comunidade naquela parte central do lado do Centro Profissionalizante Popular (CPP) (Dalton Silva, entrevista em 16/09/2002).

Na entrevista realizada com a atual presidente do Conselho Comunitário, que na época fazia parte da diretoria, ela reafirma que:

(...) e como a prefeitura tinha dado o negócio pra construtora, daí a gente começou a brigar junto na prefeitura. Naquele tempo o prefeito era o Bulcão Vianna, discutimos com o proprietário da construtora também. Daí conseguimos que eles trocassem, doassem, sei lá, negociassem a construção da creche pelo terreno. Só que foi assinado um termo que ele ia liberar a creche junto com o prédio, daí nós não aceitamos, é que o prédio se não me engano levou uns 4 anos pra ser construído, e a creche eles iam lá e colocavam um tijolo, dois...e a rapaziada tomava conta (invadiam o local da creche). Daí a gente ia de novo pra Secretaria da Educação, eles pressionavam a construtora, que ia lá e fazia mais alguma coisa e parava de novo (na creche), até que a gente deu uma 'íntima', brigamos, daí eles conseguiram acabar (Presidente do Conselho Comunitário, entrevista em 11/09/2002).

Em relação à construção do prédio, as técnicas da Divisão da Educação Infantil da SME destacam que:

[...] o prédio foi construído com outros objetivos, onde a SMR levou algum tempo para assumi-lo. Dessa forma, durante um ano aproximadamente, 1997 e 1998, ele ficou vazio, onde

ocorreram depredações. A SME ao assumir a construção teve que fazer reformas. (Técnica da Divisão da Educação Infantil da SME, entrevista em 09/09/2002).

Sobre o começo do funcionamento da creche, a presidente do Conselho Comunitário informa que:

[...] Daí foi uma burocracia, porque não tinha quem trabalhasse (funcionários), tinha que entrar com um pedido para o outro ano, tem aquelas coisas, licitação e bá bá bá, então fazia um ano e pouco que a creche estava pronta e ninguém atuava ali. Daí nós fomos de novo pra Secretaria, brigamos um monte, chamei a televisão ali e tudo, né? Daí fizeram uma coisa provisória, atendendo crianças em meio turno, meio período no final do ano de 1997, é né? 1997 sim... e aí começou” (Presidente do Conselho Comunitário, idem).

Nesse sentido, as técnicas da Divisão de Educação Infantil da SME reforçam a influência da comunidade para o início do atendimento da creche:

[...] O presidente do conselho comunitário, junto a um grupo da comunidade, vieram até a SME solicitando, através de abaixo assinado, para que o prédio fosse utilizado como creche. Concluída a reforma, as inscrições foram realizadas. (Técnica da Divisão da Educação Infantil da SME, idem).

Assim, a creche foi criada para atender a necessidade da comunidade local de ter um lugar que possibilitasse um trabalho educativo com os filhos de mães trabalhadoras (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 1998).

Inicialmente essa instituição foi denominada NEI, começando suas atividades em 17 de novembro de 1997, tendo como finalidade proporcionar às crianças

atividades pedagógicas e recreativas por um período de quatro horas por dia. O NEI atendia duas turmas, uma no período matutino e a outra no período vespertino.

De acordo com a entrevista realizada com as técnicas da Divisão da Educação Infantil da SME, a denominação NEI foi dada àquele espaço devido a fatores de ordem legal e de demanda:

[...] Começou como NEI por alguns fatores, primeiro porque a demanda naquele momento era de 3 a 6 anos e, segundo, por não ter na Câmara vagas para o cargo de direção para creche em aberto, só tinha para NEIs, e então para o diretor poder assumir tinha que ser diretor de NEI e não de creche. Assim, para ser ampliado o quadro, a gente já tem que saber mais ou menos quantas unidades vão abrir em determinado ano são as vagas em aberto, e como essa creche abriu em novembro de 1997, não tinha mais vagas para o cargo de diretor de creche em aberto só para NEI (Técnica da Divisão da Educação Infantil da SME, idem).

O quadro funcional nessa época era composto de uma diretora, quatro professores, dois auxiliares gerais e duas merendeiras para atender 18 crianças com idades compreendidas entre 3 e 6 anos, que freqüentaram a instituição de 17 de novembro a 22 de dezembro do ano de 1997.

O espaço físico dessa creche era composto de duas salas, dois banheiros (um para uso das crianças e outro para uso dos adultos), sala de direção, cozinha, um espaço de utilidade indefinida e um parque no espaço externo.

A entrevista com uma das primeiras merendeiras da creche retrata o espaço e o começo do atendimento dessa instituição:

(...) Quando eu fui, eu peguei o período que não tinha crianças, tava bem sujo, daí a gente foi limpar tudo, daí foi umas funcionárias lá de outra creche também pra fazer aumento de

carga horária. O chão foi todo raspadinho de faca, porque eles pintaram e não cuidaram, daí a gente teve que raspar tudo e lavar tudo de balde, os vidros, as salas, arrumar e botar cortinas. Depois é que chegaram mesinhas, cadeirinhas, quando eu cheguei o prédio tava vazio, eu cheguei no começo de outubro e fiquei até o final do ano. Quando começou a matrícula, foi bastante procura, mas a Diretora não deixou de atender ninguém. Eram pouquinhas crianças, duas salinhas, era tudo aberto, em volta passava uma cerca de arame. A gente botava uma piscina de plástico, que foi pedida emprestada para a Diretora da creche lá de cima, daí a gente colocava ela na rua para encher, quando a gente ia ver, tinha que trocar a água toda, porque as crianças de fora passavam por baixo da cerca e ficavam lá tomando banho na piscina. A solução foi colocar a piscina no hall que tinha na entrada da creche (Merendeira, 13/09/2002).

Reforçando essas afirmações que contextualizam o início do atendimento nessa creche, a primeira diretora da unidade explica que:

(...) Eu fui pra lá indicada pela SME, fui, fiquei e gostei, era menor e mais gostoso. Quando eu cheguei só tinha a estrutura, não tinha aquele aumento que foi feito bem mais tarde, só tinha a parte da frente, duas salas, banheiro, cozinha e uma lavanderia. Tivemos que limpar tudo, daí todo mundo pegou junto pra poder iniciar o trabalho com as crianças logo. No começo não tive que fazer uma classificação, as vagas que tinham deu pra todas as crianças, foi bem tranquilo, eram só as crianças da comunidade. Começamos atendendo crianças maiores de 3 anos. Fizemos a divulgação através de cartazes nos postes, no armazém que tem na frente, na própria creche, conversamos com quem morava perto para avisar para as

famílias que tinham crianças (Primeira Diretora da Instituição, entrevista em 12/09/2002).

A primeira Colônia de Férias²² ocorreu durante todo o mês de janeiro de 1998, atendendo 20 crianças em período integral, com uma professora e duas auxiliares de sala.

Em 9 de fevereiro de 1998 iniciaram-se as atividades do ano letivo. A instituição passou a atender 30 crianças até a idade de 3 anos, as crianças com idades superiores a essa foram encaminhadas para outro NEI que fica localizado nas proximidades dessa instituição.

A primeira diretora nos informa que:

[...] A princípio atendemos crianças de 3 a 6 anos, mas tinha uma procura na comunidade para os bebês, entende? Então as crianças maiores foram encaminhadas para um NEI perto que tinha vaga, e nenhuma criança deixou de ser atendida, elas se inscreveram lá para o ano de 1998, e conseguiram vagas. E na nossa creche ficamos com berçário e maternal (Primeira Diretora da Instituição, entrevista em 12/09/2002).

A inauguração oficial dessa instituição ocorreu no dia 20 de março de 1998, às 15h30min; a partir dessa data, o NEI passou a ser denominado Creche.

De acordo com as informações obtidas de profissionais da instituição e da presidente da Associação de Moradores da comunidade em questão, que atuavam nessa época, ocorreu uma série de negociações entre representantes da comunidade e da prefeitura, e, com o objetivo de atender crianças de 0 a 6 anos, foi proposta a ampliação da instituição.

²² O termo colônia de férias refere-se a um projeto da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis que visa o atendimento de crianças, em unidades pólos, definidas por região de acordo com a demanda, durante o período de férias no mês de janeiro. A substituição dos professores efetivos é feita por contratações temporárias e existe um planejamento específico para as atividades realizadas nesse período.

Para tanto, cogitou-se a possibilidade de contar com uma parte do espaço físico pertencente ao Centro Comunitário, que era constituído de um prédio de dois andares localizado ao lado da creche.

No ano de 2000, o andar superior desse prédio sofreu reformas na estrutura interna, passando então a compor o espaço físico da creche. É composto por três salas para atender crianças de 3 a 6 anos, um banheiro, uma lavanderia e um salão para eventos coletivos.

Como podemos constatar nas fala das técnicas da Divisão da Educação Infantil da SME:

[...] Junto a creche havia um espaço que não estava sendo ocupado pela comunidade, definido para a utilização de outros fins. Assim, em 2000 foi realizada a reforma nesse local, com o objetivo de ampliar o atendimento, considerando a solicitação da comunidade, observada na 'lista de espera'. (Técnica da Divisão da Educação Infantil da SME, idem).

Os dois espaços agora pertencentes à creche são ligados por uma rampa de acesso. A (re)inauguração da creche aconteceu no dia 19 de março de 2000, e agora atende 90 crianças.

De acordo com os dados da creche, atualmente seu quadro funcional é composto por uma diretora, uma auxiliar de ensino (que atende tanto as funções técnico-administrativas quanto assume na falta de professores), sete professoras, dentre as quais duas são formadas em Pedagogia, com habilitação em Séries Iniciais e em Educação Infantil, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; duas são formadas em Pedagogia, com habilitação em Séries Iniciais e Educação Especial, pela UFSC; uma cursa Pedagogia, com habilitação em Séries Iniciais e Educação Infantil, pela UNIVALI e outras duas cursando Pedagogia à distância, pela UDESC; um professor de Educação Física, formado pela UFSC; 11 auxiliares de sala – cinco cursando Pedagogia à distância, pela UDESC, uma formada em Pedagogia, com habilitação em Séries Iniciais, pela UDESC, cinco inscritas em um curso de magistério de nível médio financiado pela Prefeitura

Municipal, sem data para iniciar. A formação atual delas é a seguinte: uma com ensino fundamental completo, uma com ensino médio completo e três com ensino médio incompleto; a creche ainda conta com três merendeiras, quatro auxiliares de serviços gerais, contratadas por uma empresa terceirizada depois de um processo de licitação executado pela prefeitura, e dois vigias.

A jornada de trabalho das professoras é variada: três professoras trabalham quarenta horas semanais e o restante em regime de vinte horas. Cinco professoras são efetivas na Rede Municipal de Educação e duas são contratadas como substitutas. A idade das profissionais varia entre 27 e 50 anos. Cinco das sete professoras têm filhos, sendo que uma teve filho que freqüentou a creche onde a mãe/profissional trabalhava. O tempo de serviço na prefeitura varia entre um e vinte e cinco anos.

Quanto às auxiliares de sala, oito trabalham trinta horas semanais e três trabalham quarenta horas, sendo que duas estão na creche há dois meses, com aumento de carga horária, pois são lotadas em outras creches. A idade delas varia entre 29 e 60 anos. O tempo dessas profissionais na prefeitura varia entre cinco e vinte e dois anos e todas são efetivas na Rede Municipal de Educação. Quatro delas têm ou tiveram filhos em creches que trabalham ou trabalharam.

O atual espaço físico interno da creche é dividido em cinco salas, onde são realizadas atividades com as crianças agrupadas por faixa etária. O número total de crianças atendidas é de 91, distribuídas conforme o quadro abaixo.

Figura 1 - Quadro demonstrativo da distribuição das crianças por sala, faixa etária e período de permanência na creche.

Salas	Faixa etária	Número de crianças em período integral	Número de crianças em meio período
Berçário	3 meses a 1 ano e 3 meses	14	2
Materna II	1 ano e 4 meses a 2 anos e 3 meses	14	2
Materna III	2 anos e 4 meses a 3 anos e 3 meses	15	-
I Período	3 anos e 4 meses a 4 anos e 3 meses	20	-
II Período	4 anos e 4 meses a 5 anos e 3 meses	24	-

Fonte: Documentos da creche, ano de 2002.

A creche dispõe ainda de três banheiros (dois para uso das crianças e um para uso dos adultos), uma sala para direção, uma sala de lanche dos adultos, uma lavanderia, uma cozinha e uma sala para eventos coletivos.

O espaço localizado no térreo do prédio do Centro Comunitário continuou a ser utilizado para atividades da comunidade, entre elas o atendimento a crianças a partir de 6 anos, oferecendo atividades sociopedagógicas no período vespertino para aquelas que freqüentam a escola no período matutino e vice-versa, contando para isso com duas professoras.

Na área externa pertencente à creche existe um parque e uma quadra de esportes, utilizados pelas crianças, adolescentes e adultos da comunidade como área de lazer.

Na tentativa de conciliar os objetivos da atual gestão dessa instituição com os objetivos da comunidade, foi elaborado um projeto visando levar a efeito atividades de preservação e de organização desse espaço para uso sociopedagógico, esportivo e de lazer.

De acordo com a diretora, existe uma integração entre a creche e o Centro Comunitário em relação à atuação dos docentes, concretizada nas festas, reuniões pedagógicas e no projeto de arborização do espaço externo.

3.2. Os protagonistas da pesquisa

3.2.1 As famílias

As informações sobre os atores da creche em estudo, apresentadas no texto a seguir, foram obtidas através de conversas com a diretora, com as profissionais que lidam com as crianças do berçário, em documentos da instituição e com as famílias das crianças, a partir da aplicação de um questionário.

Ressalta-se que um dos principais critérios para conseguir vaga na creche está condicionado ao fato de os pais, ou pelo menos um deles, estarem exercendo

atividades remuneradas, fato a ser comprovado através de uma declaração. O que orienta a classificação das crianças é o rendimento familiar, numa ordem crescente entre a menor e a maior renda *per capita*. Dessa forma, a família que tem a renda *per capita* mais baixa garante as primeiras vagas para suas crianças.

Segundo critérios pré-estabelecidos a cada final de ano, é efetuada a matrícula para o ano seguinte, e a inscrição é feita através do preenchimento de uma ficha.

As famílias das crianças em foco, em sua maioria pertencem à comunidade ou moram nas proximidades, apenas três famílias moram fora dos limites do bairro: uma no município de Palhoça e as outras duas no bairro Jardim Atlântico, Florianópolis.

Das 15 pessoas pertencentes às famílias entrevistadas, 14 eram mães das crianças e uma era irmã de uma delas, mas em duas ocasiões os pais estavam juntos com as mães entrevistadas e participaram das respostas.

Quanto à ocupação, apenas duas mães não trabalham, as demais estão ocupadas nas mais diversas atividades (domésticas, babá, serviços gerais, faxineira, professora, passadeira, cozinheira, técnica de enfermagem, vendedoras autônomas). Quanto aos pais, a regra é a mesma (serventes, eletricista, mecânico, pedreiro, vendedor, motorista, vigilante), apenas um estava desempregado no momento da entrevista.

O grau de escolaridade das mães e dos pais também é variado. Dentre as mães, encontra-se desde aquela que nunca frequentou a escola até aquela que está cursando nível superior; já com os pais prevalece o ensino fundamental e apenas um concluiu o ensino médio.

A renda das famílias varia entre um e cinco salários-mínimos. Todas as famílias moram em casas e grande parcela delas são de alvenaria, só uma não é de propriedade da família.

3.2.2 As profissionais

Cabe nesse momento uma breve apresentação do conjunto das profissionais entrevistadas que trabalham com as crianças do berçário. Considerando que a pesquisa iniciou-se em 2001, e seu término ocorreu em 2002, houve mudanças no quadro das profissionais que trabalham no berçário; assim, uma saiu por ser substituta e outra por licença-maternidade.

A professora-substituta Nívea, contratada em caráter temporário, atuava em período integral (no horário das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas) ; é formada em Pedagogia com habilitação em Administração e Orientação Escolar pela Fundação Educacional de Alegrete/ Faculdade de Filosofia.

A auxiliar de sala Janete trabalha no período matutino (das 7 às 13 horas), pertencendo ao quadro efetivo; já atua na educação infantil há três anos, na Rede Municipal de Florianópolis e sua formação é ensino médio incompleto.

Keila é auxiliar de sala efetiva. Trabalha na rede municipal de Florianópolis há seis anos, atuando nessa creche desde 1998, quando ocorreu a primeira Colônia de Férias; sua formação inclui o curso de contabilidade (incompleto) e o supletivo do ensino médio.

Branca é professora efetiva há três anos, trabalha em período integral e tem formação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

Cristina é professora substituta designada, efetiva na rede municipal e trabalha há dez anos; tem formação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com habilitação em séries iniciais/educação infantil, trabalha no berçário das 8 às 12 horas.

Ester é professora-substituta em caráter temporário, formada em Pedagogia com habilitação em series iniciais e educação especial, pela UFSC. Trabalha 20 horas, das 13 às 17 horas.

3.2.3 As crianças

Das 16 crianças que freqüentaram o berçário durante a pesquisa, 9 eram do sexo feminino, são elas: Liana, Sandra, Carla, Ivana, Lia, Raquel, Pamela, Juliana e Taiana e 7 do sexo masculino: Leandro, Ruan, Gustavo, Gilberto, Júlio, Eduardo e Carlos. Essas crianças têm idades compreendidas entre 3 meses e 2 anos, duas delas permanecem por meio período, as outras em período integral. Pamela entrou na creche com 3 meses, as outras, em sua maioria, entraram depois dos 6 meses de idade.

Cinco dessas crianças ainda não falavam, mas se expressavam das mais diferentes formas: com risos, choros, abraços, beijos, batendo palmas, entre outras manifestações das diferentes dimensões humanas.

Algumas não andam, mas engatinham, menos Pamela, que tem 3 meses.

Seis crianças têm irmãos em outras salas na creche, no parque eles se encontram e sempre que querem ficam juntos. Gustavo tem uma tia em outro grupo de crianças, ele, Carla e Taiana são filhos únicos, e Lia e Ruan são irmãos.

A maioria das crianças dançam, cantam e brincam ao ouvirem as músicas que são tocadas em um aparelho de som que fica na sala, às vezes são usados CDs de músicas infantis, outras vezes são sintonizadas estações de rádio, e ainda as profissionais utilizam CDs de músicas clássicas para relaxamento e sono das crianças.

Algumas crianças têm preferências marcantes por determinados brinquedos, como é o caso de Juliana, que sempre ia na direção do parque correndo e rindo; o Gilberto dava muitas gargalhadas dentro da piscina de bolinhas, jogando-as por toda a sala; Carlos não saía do escorregador de plástico que também fica na sala, mal escorrega e já está de novo subindo as escadas para escorregar novamente.

Lia, Carla e Sandra estão sempre juntas, brincando de boneca: Carla prefere empurrar um carrinho com o brinquedo dentro, enquanto Lia e Sandra ficam brincando de trocar fraldas. Já Leandro e Gustavo estão sempre juntos, brincando de carrinho.

Duas dessas crianças vão e voltam de transporte escolar para a creche, pois moram longe. Todas as outras moram nas proximidades, e na maioria das vezes são suas mães que as levam e buscam. Esporadicamente outros membros da família, como irmãos mais velhos, tios e tias, avós ou pais as buscam.

3.3 O estudo de caso

Entende-se que é fundamental localizar metodologicamente uma pesquisa, considerando a possibilidade de conhecimento científico sobre um evento da atualidade: explicitar os pressupostos teóricos, o método, os procedimentos de coleta dos dados, a relação entre o objeto e o pesquisador, o tratamento e análise deles. Dessa forma, pretende-se adiante esclarecer o leitor a respeito das reflexões que norteiam o presente estudo.

Em linhas gerais, este trabalho se insere no debate existente sobre a relação creche-família e pretende investigar, numa dada realidade, elementos que possibilitam uma boa relação entre a creche e a família, elegendo como método o estudo de caso.

Esse método permite, através de uma penetração na realidade social, descrever a complexidade de um caso concreto, como bem define Goldenberg,

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (GOLDENBERG, 1997, p. 33).

O estudo de caso se caracteriza por ser uma forma de pesquisa com abundância de descrições, fornecendo aos leitores uma grande quantidade de material bruto: as condições de realização do estudo, seu objetivos, a delimitação do campo, caracterização da unidade a ser pesquisada e da população, as técnicas de coleta e a natureza dos dados, a análise dos dados e as dificuldades a respeito das

generalizações e demais aspectos (Abramo, 1997; Demo, 1985; Becker, 1993; Neto, 1998; Rabitti, 1999).

Considerando o exposto acima e buscando atender o objetivo proposto neste estudo, ou seja, identificar e evidenciar elementos possibilitadores de uma boa relação entre a creche e a família, optei pela utilização de técnicas de observação direta, com registros em diário de campo, aplicação de questionários e entrevistas gravadas, além de filmagem.

De acordo com Azanha, na observação direta o pesquisador participa, juntamente com os observados, de seus espaços de vida, observando e sendo observado. A convivência entre eles possibilita condições férteis e ricas para uma compreensão que só é possível desse modo, com um envolvimento e uma interação desses atores em todas as dimensões do cotidiano a ser estudado; desse modo,

[...] a experiência direta do observador com a vida cotidiana do outro, seja ele indivíduo ou grupo, é capaz de revelar, na sua significação mais profunda, ações, atitudes, episódios, etc., que, de um ponto de vista exterior, poderiam permanecer obscurecidos ou até mesmo opacos (AZANHA, 1992, p. 92).

Minhas observações e registros de campo iniciais e os resultados da pesquisa exploratória, já discutido, proporcionaram, entre outros, o recurso metodológico de operacionalização dos dados obtidos. A partir das informações levantadas, construiu-se os conjuntos temáticos,

- formas de acesso das famílias à creche;
- formas de comunicação estabelecidas entre os atores envolvidos e
- formas de interação entre a creche e as famílias.

Buscou-se identificar nos dados, as frases-chave, que foram organizadas e agrupadas visando a compreensão delas, e uma aproximação ao problema em questão, resultando em três categorias principais: *a comunicação, o acesso e a interação*, que não pretendem esgotar o problema, senão organizar a discussão.

Abordar as categorias em questão significa discutir elementos intrínsecos à relação creche-família, pois elas estão contidas e imbricadas nas falas das famílias e das profissionais, no entanto foram aqui separadas por uma questão de análise. Assim, a análise se estrutura da seguinte forma:

- a) A comunicação entre a creche e as famílias: categoria comunicação: envolveu assuntos relacionados às formas de comunicação estabelecidas entre essas duas instituições – quais são e como elas se dão;
- b) O conhecimento sobre a creche: categoria acesso: visou saber quais as formas e os procedimentos utilizados para o acesso das famílias ao espaço físico da creche;
- c) A relação estabelecida entre famílias e profissionais: categoria interação: este tema buscou tratar do relacionamento existente entre as profissionais e as famílias (a maneiras, as variações, as condições, existentes para o estabelecimento desta relação).

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Considerando os critérios e as categorias de análise definidos na seção anterior, apresentam-se os dados de forma descritiva e ao mesmo tempo se analisa qualitativamente o conteúdo das informações. Os grifos nas falas têm por objetivo destacar os aspectos considerados relevantes na questão em pauta, sem prejuízo da totalidade da fala, principalmente quando não houver trechos sublinhados.

4.1 A comunicação entre a creche e as famílias

As formas de comunicação são elementos fundamentais nas relações humanas, histórico-social e culturalmente construídas²³. Nos estudos sobre a relação creche-família essa questão é amplamente discutida, dada a importância de se compreender, entre outros aspectos, os canais de comunicação, pois as trocas de informações em todas as suas formas, que no nosso caso dizem respeito à educação das crianças pequenas, são a base da construção de uma relação de confiança e compreensão mútuas entre os protagonistas da vida na creche (pais, profissionais e crianças). Conforme destaca Tiriba (2001, p.76), “A partir de uma proximidade construída num fazer comum, os encontros humanos acontecem, as conversas fluem, abrem-se canais de entendimento...”. O entendimento acerca das formas de comunicação aqui discutidas baseia-se na bibliografia especializada que fundamenta teoricamente esse estudo, e aí se encontram exemplos das formas de comunicação utilizadas contemporaneamente no cotidiano da creche: diálogos

²³ Alguns pensadores da matriz antropológica discutem a determinação simbólica dos significados culturalmente construídos pela humanidade. Conforme ressalta Rodrigues (1989, p. 31), “ser humano algum está apto a participar da rede de comunicação formada por seus semelhantes pelo simples fato de ter nascido, ser-lhe-á necessário conviver com o grupo, introduzindo-se nele, embebendo-se dele”. Nesse sentido, Geertz (1989, p.57) destaca que numa determinada cultura existem “símbolos significantes – as palavras, para a maioria, mas também gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos, como relógios, ou objetos naturais como as jóias – na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência”. Reforçando esta perspectiva, Bondioli e Mantovani (1998, p.29) afirmam que a “Pedagogia da relação” pode ser considerada como “... uma intervenção educativa que age sobre o sistema de trocas sociais, utilizando-o como instrumento de crescimento”. Segundo as autoras, através desse sistema de trocas sociais é criado um conjunto de significados composto de palavras, gestos, ações, situações recorrentes, modalidades de

diários, entrevistas, cartazes temáticos, reuniões, festas e comemorações, documentações, fotos, entre outros.

De volta ao âmbito deste estudo, uma das formas de comunicação, entre as apontadas pelos dados, que aparece majoritariamente pela necessidade das famílias e da creche de estabelecerem contato é o diálogo diário. Esse diálogo ocorre principalmente nos momentos em que as famílias vão deixar e buscar as crianças na creche.

Nesses momentos de encontros entre as profissionais da creche que trabalham com o grupo das crianças do berçário e os familiares, a troca de informação ultrapassa os limites do cordialmente estabelecido, conforme se pode observar no trecho de um diálogo apresentado a seguir entre a mãe de uma dessas crianças e uma auxiliar de sala no momento da saída da criança da creche.

4.1.1 Episódio²⁴ I: De pouquinho em pouquinho

Mãe: – Oh meu amor! Sai, Lari

Lari é irmã de Liane, e estava abraçando a irmã . Pega ela no colo.

Mãe – Ai, gostosa, ai que saudade!

E beija a filha, olha para mim e diz:

Mãe: – Tá filmando ela? Onde eu vou ela vai me filmando!

Diz isso rindo e entrando na sala da Liane.

Keila (profissional): – Qual desses bicos é da Lili?

Mãe: – Quem? Dela? Nenhum!

Keila: – Ela não tá chupando bico?

Mãe: – Nunca chupou.

Keila: – Mas hoje ela pegou, acho que dei esse aqui pra ela (e mostra um bico). Agora ela tá tomando sopa com arroz, ou tem que passar na

uso que são compartilhados entre os protagonistas da vida na creche, onde o adulto profissional cria ocasiões que permitem o crescimento das crianças.

peneirinha? Ela vomitou tudo! Um susto, ela comeu, comeu, depois vomitou, não sei se era fome. Ela não quis mamar na hora do lanche. Tomou bem pouquinho. Daí a janta eu dei, quando eu vi!

Mãe: – Ela comeu demais, né?

Keila: – Não sei se é o arroz inteiro, te lembra que ela se afogava antes, né?

Mãe acena com a cabeça que sim.

Mãe: – É que dou, mas eu vou dando de pouquinho em pouquinho.

Keila: – É! Daí eu vou ficar duas horas dando comida pra ela!

A mãe bate no braço de Keila com a meia da Liane, brincando.

Keila: – Mas eu não dei muito, a metade de uma colher! Não cheia. E de repente, né! Na pressa de... sei lá. Os outros berrando, sei lá. Depois ficou tão magoada, tão chateada, daí eu dei água. Daí eu botei ela no bebê-conforto e ela dormiu. Ó! Ó! O jeito dela (a profissional admirando a criança).

Mãe: (no mesmo sentido) – Todo mundo lá em casa cheira, cheira, cheira!

Keila: – Era arroz, era canja e sopa de feijão. Foi o que ela comeu.

Mãe: – Vamos Lari, eu tô com dor de cabeça, primeiro dia de serviço, né! A gente fica nervosa, não é uma casa, é um castelo, cheio de coisinha. Meu marido tá lá, tá trabalhando lá. Ela vai assinar minha carteira e tudo, por enquanto é só à tarde, mas quando ela (Liane) ficar mais maiorzinha, daí é o dia inteiro. Por enquanto é um salário, mas depois ela vai aumentar, também, a casa é enorme!

Keila: – Tem que trabalhar, né, minha filha! Oh! Cadê o sapato dela? Enquanto fala cheira o pescoço da Liane e dá um beijo e sorri.

Mãe: – Lari quer cair da janela?

Keila: – Quem foi que abriu a janela, Lari? (Ela vai até a menina) Vai lá com a mãe, vai cuidar da Liane.

Mãe: – Vai cuidar da Liane!²⁵

²⁴ Os episódios descritos foram registrados por meio de filmagem em fitas VHS e posteriormente transcritos.

²⁵ Data da filmagem: 09/09/02; horário de chegada da mãe na creche 18:41h. Saída da creche com a criança 18:46h).

Na transcrição do episódio acima, a partir das imagens gravadas pela pesquisadora, percebe-se uma situação que ultrapassa o cordialmente estabelecido: o diálogo entre a mãe de Liane e Keila é permeado de brincadeiras, olhares, atenções entre os três protagonistas em cena.

As trocas de informações que ocorrem dizem respeito a questões do cotidiano do berçário e da família referentes à criança, como, por exemplo, a questão do bico, da comida, da criança em relação a isso, e ao mesmo tempo conversam sobre problemas referentes à vida e ao trabalho dos pais, o que evidencia a informalidade, o entrecruzamento de temas e as trocas de informação, entre outros aspectos.

Isso se reflete também na fala das famílias e das profissionais entrevistadas, quando questionadas acerca das formas através das quais elas se comunicam e de como se estabelece essa comunicação. Embora as falas não tenham a riqueza dos detalhes gestuais e de expressões captados pela câmera, revelam uma intensa troca de informações e de, embora de forma pouco explícita, elementos que indicam uma grande proximidade entre as instituições em estudo, esses elementos também podem ser evidenciados a partir das falas descritas a seguir:

Cinha, mãe de uma criança, deixa clara, em sua fala, a maneira amistosa e a variedade de formas de comunicação entre ela e as profissionais na creche:

Eu converso com elas, eles (os filhos) contam, quando têm alguma coisa pra falar, elas falam comigo, a gente é amiga. Às vezes, tem bilhete, mas eu tô todo dia lá, aí a gente conversa. Todo dia na hora de levar e, às vezes, pra buscar, na hora da reunião ou quando precisa, daí elas chamam (por telefone) (Cinha – mãe entrevistada em 25/07/02).

A mãe seguinte reafirma e aponta outra forma de comunicação:

No horário que eu pego ela (a criança), daí eu falo com a Keila, também tem bilhetes, reuniões, festas... (Vani – mãe entrevistada em 25/07/02).

Neste mesmo sentido, outra mãe diz:

[...] a gente sabe os trabalhos através da Míriam (filha mais velha que, às vezes, vai na creche), ou da “tia” (profissional da sala), por telefone, né! Elas (as profissionais) mesmo sabendo que eu não podia tá ali, né, acompanhando ele (o filho), elas passaram por telefone pra mim, né? Foi muito boa (relação), muito gratificante mesmo, elas (se referindo as profissionais) são pessoas que trabalham muito bem, tipo no berçário, quando ele começou, foi ótimo mesmo nosso relacionamento... tipo assim, e até o problema quando ele (o filho) tá doente, porque ele tem vários problemas, ele tem dermatite, ele passou por sérias fases da doença, então elas passavam pra mim (como ele estava), pra me despreocupar, então a gente teve um relacionamento muito bom! (Salette – mãe entrevistada em 12/08/02).

Nica, outra mãe, aponta uma forma alternativa de comunicação, referindo-se ao telefone como um meio bastante valorizado pelas entrevistadas:

É porque eu tenho pouco contato, é mais via telefone, pouco vou na creche, porque ela (a criança) vai e volta de Kombi (transporte escolar). Até hoje eu conversei com a Keila, e ela contou que ela (a criança) tá bem diferente mesmo, né! Tá desenvolvendo mais... eu ligo (telefona), pra saber como é que tá, pra passar alguma coisa, né! Porque alguma coisa a gente passa... (Nica – mãe entrevistada em 01/08/02).

Dessa forma, o telefone tem se revelado como uma possibilidade de aproximação e um meio de comunicação capaz de auxiliar no esclarecimento de questões que dizem respeito ao cotidiano do trabalho na creche, diante da impossibilidade de um contato presencial das mães com as profissionais.

Com relação ao ponto de vista das profissionais acerca das formas de comunicação, um depoimento de Ester (professora) explicita a importância do diálogo diário entre a creche e as famílias:

Os poucos pais que eu consigo conversar, assim (no final da tarde quando esses vêm buscar seus filhos)... eu consigo ter

uma relação legal... Hoje em dia eu consigo mais ter diálogo, respeitar melhor eles (as famílias), entender o problema deles, entendeste? Bilhete quando vai, vai na agenda, também, como eu tava dizendo, quem eu converso, quem eu consigo conversar, eu passo tudo assim... (Ester - professora entrevistada em 18/10/02).

A fala da professora a seguir, além de evidenciar formas de comunicação, descreve a visão que ela tem sobre o motivo da existência do contato entre as famílias e as profissionais e demonstra ainda que ela busca flexibilizar e pensar junto com as famílias quando esse contato pode ser realizado:

...a gente passava todas as informações do que acontecia durante o dia, pelo menos as principais eram passadas para as mães, tipo uma troca de informações... Deve ser de diálogo, tipo trocar figurinhas, receitas, mais para que a criança cresça num ambiente saudável e harmonioso, pois é na troca de informações que se abre a busca de uma educação mais plena para as crianças... Nas reuniões geralmente a diretora deixava café com alguma coisa (bolacha, bolo, etc.), para as famílias. Num primeiro contato, foi uma entrevista, a mãe marcou o horário que, para ela, fosse melhor pra gente conversar (Nívea - professora entrevistada em 16/10/02).

O depoimento de Keila (auxiliar de sala) deixa clara a existência de um diálogo amistoso com as famílias e também aponta a importância desse diálogo para o seu trabalho com as crianças:

Eles (os pais), vêm conversar, eu gosto de saber, assim eu vou saber por que a criança naquele dia tá chorando, porque que a criança tá mais agressiva... mas eu tento, sim, da melhor maneira possível, e tenho uma boa amizade, tudo com eles (os pais). E para as crianças eu acho que é legal [...] eu sei como lidar com a criança, fica mais fácil lidar com alguma coisa que a criança apresente (Keila - auxiliar de sala entrevistada em 21/10/01).

Nesse mesmo sentido, segue a fala da professora:

[...] quando a mãe fala, então fica mais fácil, que daí a gente já conhece, sabe do que ela gosta, do que ela não gosta (a criança), [...] fica mais fácil nosso trabalho de lidar com a criança. [...] eu procuro assim, falar por pior que seja o assunto, falar com calma, ser gentil com o pai, a gente conversa... se acontecer alguma coisa, eu procuro ligar, eu não conheço a mãe (mãe que trabalha o dia todo e quase não vai para a creche), mas falo muito com ela por telefone, qualquer coisa tô ligando, porque eu sei, ela é aquele tipo de mãe que quer saber se sua filha come ou se a filha não come, [...] a gente conversa muito por telefone, não conheço. A gente conversa, parece até que a gente se conhece há anos, tanto a mãe da Nicole quanto a do Guilherme, que eu nunca vi, a gente conversa muito, assim elas falam comigo no telefone como se a gente fosse amigas, eu acho legal, e elas nunca vieram na creche... (Cristina - professora entrevistada em 23/10/02).

Tanto na fala das famílias quanto na fala das profissionais da creche acima descritas, observa-se que a forma de comunicação mais utilizada é o diálogo diário, seja na forma presencial ou por intermédio do telefone. Pode-se perceber que nesses momentos se esclarecem dúvidas e questões sobre problemas relacionados ao funcionamento e atendimento da creche, por exemplo.

Nessa mesma perspectiva, em uma entrevista, Bondavalli destaca a importância dessa forma de comunicação para o conhecimento mútuo, e diz que deve ser estimulada com várias finalidades; ela afirma que,

Essa comunicação desenvolve-se por meio de encontros diários entre os professores e os pais. Queremos criar uma relação de conhecimento e confiança mútuos, comparando e trocando idéias. Desejamos criar uma relação de participação e integração que se desenvolve ao longo do tempo (BONDAVALLI apud GANDINI, 2002, p. 82).

Nesse sentido, conforme discutido na primeiro capítulo deste estudo, outros autores vão enfatizar o papel da creche enquanto propiciadora das diversas formas

de comunicação com as famílias visando um bom relacionamento com elas, e para tanto é preciso que os profissionais, nessa relação, tenham claro o seu papel, conforme chama a atenção Oliveira et al. (1998, p.116),

[...] a experiência das creches que têm 'aberto as portas' às famílias tem mostrado que a determinação dos limites é uma meta que não se atinge de imediato. Faz-se necessário um trabalho de persistência no "diálogo" cotidiano entre creche e família. (...) Sem dúvida há que se determinar o que deve ser responsabilidade da creche e que deve ser da família. Mas os papéis de cada um só vão se construindo a partir do exercício cotidiano de dialogar.

Para além do diálogo diário, as pessoas entrevistadas apontam outras possibilidades de comunicação, como as reuniões, as entrevistas, as festas, os bilhetes e as ligações telefônicas, que são amplamente utilizados e, embora não tenham a mesma regularidade, significam outros recursos que podem qualificar as informações e aumentar a proximidade entre esses protagonistas, rompendo paulatinamente o *muro de isolamento* enfatizado por Maistro(1997).

Um exemplo disso é a utilização do telefone, várias vezes referida tanto pelas famílias quanto pelas profissionais, que surge como uma alternativa ante a impossibilidade de determinadas famílias estarem presentes fisicamente na creche.

De forma mais específica, podemos entender que o uso do telefone é uma alternativa que leva à flexibilização da relação creche-família, é uma forma de *trocar* informações e de estabelecer relacionamentos que podem permitir o acesso à interação entre essas instituições.

Outra forma de comunicação que não foi contemplada na fala das profissionais e das famílias entrevistadas, mas que se observou na creche, foram as fotos e cartazes que contam um pouco do cotidiano dos protagonistas: fotos de atividades feitas com as crianças, como danças, desenhos, brincadeiras no parque, plantação de árvores, entre outras, e também cartazes com recados e avisos sobre festas, reuniões, eleições, etc. Para essas formas de comunicação existem murais específicos, mas também as paredes da creche são utilizadas para esse fim (corredores, entrada e as próprias salas).

Tiriba destaca a importância de pensar os espaços da creche como canais de comunicação diária que favorecem uma aproximação entre as famílias, as crianças e os profissionais que atuam na creche. Ela aponta que

Através da colocação de murais em locais de circulação – onde são expostos os trabalhos das crianças, assim como os que são realizados pelos pais durante as reuniões – tem sido possível favorecer as interações entre as crianças, destas com os adultos e destes entre si, todos querendo reviver e socializar suas vivências e aprendizados (TIRIBA, 2001, p.77).

À luz da Pedagogia da Relação, as várias formas de comunicação utilizadas pela creche servem para fortalecer e aproximar os vínculos entre seus protagonistas. Dessa maneira, Galardini e Giovannini (2002, p. 127) entendem que as creches,

[...] São lugares onde os educadores reúnem-se com os pais para lhes explicar e comunicar as coisas interessantes, importantes e belas que as crianças fazem. Os adultos dividem suas idéias sobre as crianças e seus pensamentos sobre a tarefa educacional.

Portanto, pressupõe-se que os aspectos compreendidos e destacados na categoria discutida estão diretamente relacionados com as formas de acesso à creche, conforme pode ser visto adiante.

4.2 O conhecimento sobre a creche – o acesso das famílias às dependências da creche.

Compreende-se que no processo de construção mútua de uma relação, caso desse estudo, a forma como se dá o acesso pode ou não aproximar, pode ou não construir uma aliança, possibilitar ou não a compreensão e a confiança entre as instituições; pode ainda estabelecer as bases do diálogo positivo ou negativo, tendo em vista um objetivo comum, que é o contexto onde a criança é o sujeito. Nesse sentido, Oliveira et al. enfatiza a importância de *abrir a creche*, na medida em que ela é um dos espaços

[..] de desenvolvimento da criança, compartilhando com a família a educação da mesma. Isto implica em compartilhar os

sucessos e as dificuldades que se apresentam e, acima de tudo, transformar este trabalho em colaboração mútua (OLIVEIRA et. al, 1998, 116).

A partir do momento em que as famílias se inserem²⁶ na creche, é necessário considerar as condições do acesso cotidiano das mesmas àquela instituição. Mantovani e Terzi (1998, p.183) consideram que,

Os pais, enquanto estiverem na sala, terão prazer em observar diretamente a vida na creche, em conhecer os costumes e as brincadeiras das crianças, em reconhecer, nos outros, comportamentos semelhantes aos de seu filho, em comentar com a educadora a euforia ou a timidez da criança, a sua curiosidade, os seus primeiros contatos com os outros e, sobretudo aprenderão a conhecer o estilo pessoal de intervenção daquela educadora.

O acesso dos pais a todos os locais da creche (salas, cozinha, direção, banheiros, parque, quadra, lavanderia, etc.) permite que eles conheçam o local, percebam sua dinâmica, compreendam o trabalho dos profissionais. Esse entendimento está expresso nas cenas observadas, registradas e descritas do cotidiano da creche, protagonizadas pelas famílias e profissionais, conforme exemplos a seguir:

4.2.1 Episódio II: Circulando pela creche

As crianças estão sendo levadas para a quadra, onde terão *aula de Educação Física*. Algumas crianças saem andando, outras vão no colo, a mãe da Liane chega e diz bom dia, observa o movimento que se forma, entra na sala, coloca a mochila da Liane no local apropriado e desce junto com Janete (profissional), que está com duas crianças no colo; descem a rampa conversando, vou atrás filmando e mal escuto o que falam; passam pelo salão

²⁶ A inserção das famílias e das crianças na creche, momento de transição a um novo espaço, é tema discutido na bibliografia especializada. De um modo geral, os autores Bondioli e Mantovani (1998); Oliveira (1998); Tiriba (2001); Gandini e Edwards (2002) consideram esse momento importante, podendo influenciar de forma negativa e/ou positivas o relacionamento entre a creche e a família. No entanto, sem menosprezar a importância dessa discussão, não cabe no âmbito deste estudo tratar especificamente essa questão.

e chegam à quadra, onde estão espalhados colchonetes pelo chão, e o professor de Educação Física já está lá com outras crianças. Durante o trajeto observa-se a circulação de familiares e profissionais, e também de crianças.

A mãe de Liane coloca-a no colchonete e tira sua sandália, dizendo para Janete:

Mãe – Olha, eu tirei o sapatinho dela e vou colocar na mochilinha.

Janete – Tá bom, amiguinha! - fala, sorrindo, para a mãe de Liane.

Mãe – Tchau!!

Janete – Tchau!!

Mãe – Tchau, filha! Um beijo, amor!

Ao chegar na creche, o pai do Julio faz esse mesmo percurso por dentro da creche com seu filho; quando chega na quadra, Julio vai correndo para o colchonete:

Pai – Ah! Ele já se joga! Ele é arteiro.

Janete sorri enquanto caminha em direção a um portão que dá para a outra rua, e diz para as crianças:

Janete – Olha, eu vou ali fechar o portão.

O pai de Julio vai junto e sai por esse portão, ele fica do lado de fora observando o filho, enquanto conversa com Janete (eu não escuto), depois Janete dá tchau para o pai e vai em direção às crianças. O pai continua no portão observando o filho. Chega Carla com sua mãe.

Cristina (profissional) – Oi Carla!

Fala de uma certa distância, pois a quadra é grande e as crianças estão correndo e brincando por toda parte, ela vai em direção a mãe de Carla.

Cristina – Bom dia! A mochila? pergunta para a mãe.

Mãe – Bom dia! A mochila eu deixei lá na sala.

Olha para mim, me deseja bom dia e diz:

Mãe – Esses gigantes da Educação Física na quadra! Meu Deus! (risos)

Mãe: – Tchau, filha, dá um abraço na mãe!

As duas se abraçam; Sandra (outra criança) se aproxima e dá a bola que tem nas mãos para a mãe de Carla, que está abaixada.

Mãe – Oh, amor, ela quer brincar! Olha!

Fica ajudando as duas a jogarem bola uma para outra.

Cristina está distante, brincando com outras crianças, de outro lado está Janete com outras crianças.

Algumas mães de crianças de outras salas vão até o portão e ficam conversando e observando-as. A mãe da Carla vai em direção a Janete e Cristina também se aproxima, enquanto o professor de Educação Física está em outra parte da quadra brincando com as crianças.

Janete – Tá de folga hoje?

Mãe – Até meio-dia!

Cristina – Eu coloquei ela, segunda feira, duas vezes no “peniquinho”, ela não fez, mas também não fez na calça.

Mãe – Fralda em casa eu não tô colocando mais, porque eu tiro a fralda seca toda vida!

Cristina – Eu coloquei fralda só pra ela dormir, porque fiquei com medo.

Mãe – Eu sei que pra vocês é meio difícil, mas assim, se deixar ela sem fralda, ela se assusta, daí ela pede (para ir ao banheiro).

Janete – Agora vem verão e daí desfraldar fica mais fácil.

Mãe – Quando sair com ela, vou ter que levar uma sacolinha onde ela parar, né? (risos), mas ela tem seu horariozinho... né, amor! Ai! dá uma pena de ir embora!

Conversam mais um pouco, e a mãe vai brincar de correr e pegar com as crianças.

Cristina – Que bom se toda mãe pudesse fazer isso!

Janete – É!

Janete está com Ivana no colo e Cristina está com Ruan.

A mãe de Carla se aproxima novamente e conversa mais um pouco, agora fala sobre a comida da creche; ela ajuda a Ivana a caminhar. Logo após, as crianças voltam para a sala e a mãe de Carla ajuda a levá-las de volta. Alguns vão andando, outros vão no colo, fazem todo o trajeto de volta por dentro da creche.

Na sala o professor de Educação Física se despede e Gilberto chora querendo ir com ele:

Mãe – Eu já vi criança gostar de professor de Educação Física, mas desse tamanho eu não vi.

Janete e Cristina riem, elas estão agora arrumando o lanche para as crianças, a mãe de Carla vai embora e diz para a filha:

Mãe - Depois tu vai lá na quadra e ensina a Janete a brincar de pegar, tá! Tchau!

Carla chora um pouco. Janete promete que depois vai na quadra brincar com ela, ela se acalma e vai também tomar o lanche com seus amiguinhos²⁷.

O episódio transcrito acima demonstra que os pais têm amplo acesso às dependências da instituição pesquisada. Eles entram, circulam por todos os espaços

²⁷ Data da filmagem: 16/10/02; horário do início da filmagem 8:15hs, final 8:54h.

da creche, podem ir, vir, ver e rever tudo o que for possível, perguntar e responder, sendo recebidos com receptividade e informalidade por todos os profissionais na creche. Eles entram na hora de trazer seus filhos, alguns ficam quanto podem, como foi o caso da mãe de Carla, que pôde ficar por não estar trabalhando nesse dia, e pôde participar da educação física, indo para a quadra junto com as crianças e brincando com a sua filha e com as demais crianças. Ela ainda conversou com os profissionais da creche, como também, de forma mais específica, com as profissionais do grupo de crianças do berçário sobre questões que diziam respeito a sua filha.

As profissionais aparentemente demonstravam satisfação em relação a situações como essa, como se pode observar na fala da professora Cristina. Isso também fica evidenciado nas falas das famílias entrevistadas, quando questionadas a respeito do conhecimento que elas têm sobre a creche, de que gostam nela, o que gostariam que ela tivesse e que não tem, como se dão os encontros com as profissionais, entre outras questões. Elas revelam que o acesso à creche permite que as famílias observem o contexto, que tenham uma visão de sua dinâmica, que conheçam as atividades que lá são realizadas, favorecendo também uma proximidade entre os envolvidos e a troca de informações significativas entre eles, principalmente nas questões que dizem respeito às crianças, gerando compreensão e confiança entre as respectivas instituições, conforme fica explicitado nos exemplos abaixo:

Gosto muito da piscina de bolinha, é legal, é um amor, tem o escorregadorzinho, é muito legal, quanto ao que eu não gosto, nada que eu tenha observado... agora, em termos de alimentação, de estrutura física, é muito melhor do que muito lugar particular, né? A gente não tem do que reclamar, não só por ser público, mas é assim, o dele ali (o jardim particular onde fica o outro filho), não tem a estrutura que a dela tem e é bom também. E a dela é muito mais ampla, tem uma estrutura excelente, na minha opinião, eu já entrei na sala, vou nas reuniões. Pelo menos na reunião eu vou, não faltou (riso) (Nica - mãe entrevistada em 01/08/02).

Nessa fala, as observações feitas pela mãe indicam um conhecimento não só da estrutura como também do atendimento, conhecimento esse que só foi possível pelo fato de ela ter acesso às dependências da creche.

Nesse mesmo sentido é o depoimento de Cinha, mãe de uma criança:

gosto da atenção que eles dão pra eles (as crianças), né? eu acho isso muito legal. Lá eles comem bastante, eu fiquei até com medo, mas lá eles comem bastante. Esse aqui mesmo (aponta para o filho), não comia nada, agora tá comendo de tudo e ele se acostumou com o mingau deles, agora tenho que fazer todo dia (mingau), (risos). Acho que precisa mais professores, né? só duas pra cuidar de muitos, né? Às vezes, eu entro na sala, fico um pouco, mais foi no começo, eu vou também nas reuniões. (Cinha - mãe entrevistada em 25/07/02).

Reforçando as falas anteriores, esta mãe afirma:

[...] eu acho que é muito caprichada ali (a creche), e muito bonito, se tu compara com a outra que ela teve. Lá em cima é amplo, muito amplo, e as meninas são muito caprichosas sabe, e eu gosto muito dali, muito[...] a gente tá ali direto, a gente leva e pega, vai às reuniões e tudo. Ali como é berçário, acho que mais eles brincam, só brincam, se alimentam... vão na areia, tomam banho de sol, brincam no parquinho, essas coisas eu já vi, já espiei ela, né, brinca muito assim, ta sempre perto da professora... Eu acho que gosto mais da estrutura, eu adoro ali, acho muito bom, até porque a gente sofre tanto com falta de espaço em casa... A salinha é muito limpinha, sabe os colchõezinhos no chão, eles ficam a vontade assim sabe, bastante brinquedo piscina de bolinha, escorregadorzinho, bem assim, bem legal, eu acho bem legal a estrutura mesmo. Participo de reunião, festinha, atividade que chama a comunidade e levo (a filha) na creche, daí eu tiro a sandália e entro lá na sala (Anita – mãe entrevistada em 31/07/02).

O depoimento da próxima entrevistada evidencia que o acesso lhe permitiu observar também a relação que seus filhos têm com as profissionais.

A gente também vê tudo (o que se passa na creche, pela proximidade da residência), quando vim morar aqui não tinha documento, pra ver uma escola particular pra ele era difícil. A gente via (o que se passava na creche), e as pessoas falavam que era bom, daí foi que chamaram ele, daí eu botei ele ali... é bom pra eles que tão lá e fazem apresentação de artes, né? e também eles aprendem mais, porque a creche tem mais tempo de cuidar que a gente... (ela trabalha fora) Ah, eu sei que eles tem Ed. Física, que eu acho legal, aprendem música, sei disso quando vou nas reuniões, eu é que vou. Que nem eu fiquei sabendo agora que tem bastante música, né? foi na sala dele que eu fui (reunião na sala), aí que eu fiquei sabendo, daí ele vem pra cá (casa, ele canta, faz gestos), é ótima (relação com as profissionais), eu gosto de todas, não tenho o que reclamar, eles (filhos) gostam bastante delas. Sempre vou buscar, e nas reuniões, sempre fico um pouquinho, eu posso ficar na sala dele, converso, daí às vezes, elas vão trocar (fraldas), daí eu digo, não eu troco em casa (Ivete - mãe entrevistada em 25/07/02).

A fala da mãe a seguir reafirma sinteticamente que o acesso amplo às dependências da creche permite conhecer toda a dinâmica de atendimento e de funcionamento da instituição.

De manhã vem o lanchinho, daí tem musiquinha, vão no parquinho, quando pode, né! Quando chega no horário 10:30hs, tem o almoço, daí vão descansar, tem o soninho. Logo que acorda tem o lanchinho, tem passeio no parque, brincadeira, trabalhinho, tem o cardápio (na cozinha e no salão), mas eu vou na cozinha, e daí pergunto o que tem de lanchinho hoje, porque na segunda-feira de manhã não tem frutinha, porque sexta-feira e segunda-feira a tarde vem tudo fresquinho, mas de manhã, às vezes, não tem uma frutinha, uma maçã, nada, daí eu compro, porque ela não pode comer nada de trigo. Eu gosto de tudo, os brinquedinhos, os livros

acho legal, a paciência que elas tem.. (Silvia mãe entrevistada em 13/03/02).

Questionadas acerca dos mesmos assuntos, as profissionais da creche entrevistadas expressam sua percepção da seguinte forma:

[...] tem alguns pais que eu consigo ter uma relação legal, seja de conversar através do nome mesmo, e entra (na sala), e, às vezes, já tá na hora da janta, dá a janta (famílias alimentam seus filhos), daí ele conversa com a gente, tem hora que é assim, bem legal. (Ester - professora entrevistada em 18/10/02).

Outra profissional percebe que a entrada dos pais nos espaços da creche possibilita uma relação de aproximação entre eles e as profissionais:

Então assim, pras crianças isso aí só vai ficar bem assim, enquanto a família da criança tem livre acesso na creche, pode entrar, pode conversar, pode querer ficar na sala hoje, como ficou a mãe da Camila na Educação Física, né? ela adorou. Agora as portas estão todas abertas, assim o pai tem livre acesso, ele fica seguro, né? ele tá tranquilo, ... qualquer coisa assim, aquilo é conversado, é falado naturalmente, sem problema nenhum, entendeu? Então, quer dizer, não fica aquela coisa assim, flui, fica tudo claro e flui melhor (Keila - auxiliar- de-sala, entrevistada em 21/10/02).

A profissional a seguir destaca sua preocupação com as mães e também o cuidado com as características individuais de cada uma delas:

No encontro do dia-a-dia, eu sempre fui muito aberta com as minhas mães e com os meus pais, né? ... porque eu sou bem aberta, converso, pergunto, elas contam, porque, às vezes, elas só dependem da gente mesmo até, né? Em reuniões, eu avalio o grupo, porque a gente não dá pra fazer brincadeiras, fazer dinâmica, porque tem vários tipos de pessoas, né? ...

primeiro eu começo, avalio, vejo, sondo pra ver o que eu posso fazer, ... depois eu planejo, ... a gente tem que ir devagarinho... (Branca - professora entrevistada em 22/10/02).

Outras formas de acesso à creche ficam aqui evidenciadas na fala de Cristina:

... então de agosto pra cá teve uma reunião, vieram todas as mães que vem (trazer e buscar), então são as que mais vejo no dia-a-dia. ... às vezes, eu convido os pais para entrar porque aí tem outras formas de encontro, né, tem esses do dia-a-dia (pais na sala), tem as reuniões gerais (reuniões com todos os pais da creche), as da sala, né (reunião com as profissionais e pais de um grupo de crianças da creche), festas, essas coisas todas. ... aí a gente teve um café colonial, ... a gente convidou os pais pra virem tomar café²⁸ com as crianças, de manhã (Cristina - professora entrevistada em 23/10/02).

Pode-se verificar, a partir das falas de famílias e profissionais, que há um consenso quanto ao fato de que o acesso facilitado à creche aproxima e possibilita construir uma relação positiva, que não suprime os conflitos e as divergências, mas favorece o diálogo e a compreensão mútua. As suas falas se complementam e se reafirmam no sentido de entender o acesso da família aos espaços da creche como potencializador de trocas significativas entre o que ocorre nela e nas famílias como também entre as pessoas que lá convivem.

Assim, a importância da proximidade e dos vínculos que vão se formando entre os profissionais da creche e as famílias, está diretamente relacionada a construção de um contexto compreensível para as crianças, influenciando o processo educacional delas, que vai se constituindo a partir da articulação das experiências vividas entre os protagonistas.

Quando se referem às suas vivências no contexto da creche e as descrevem, tanto as famílias quanto as profissionais em suas falas, percebe-se o tom emocionado e comovido, o que comprova a vinculação entre eles.

²⁸ Destaca-se aqui que, o horário do café colonial foi consensualmente resolvido com os pais.

Verifica-se, portanto, implícito nos argumentos expostos pelos entrevistados acima elementos que podem ser considerados como definidores da relação entre as instituições em estudo. Vale ressaltar que a literatura especializada italiana enfatiza e recomenda considerar a importância das figuras adultas, significativamente as parentais, no processo da experiência educacional no contexto da creche, como solução para “[...] responder às necessidades e expectativas plenamente radicadas nas experiências dos sujeitos (crianças, educadores, pais) que vivem e trabalham na creche” (SPAGGIARI, 1998, p.101).

Na seção a seguir tratar-se-á do processo interativo que se estabelece entre profissionais e famílias da creche em estudo.

4.3 Relação entre as famílias e as profissionais da creche: o processo de interação.

Pensar um caminho de aproximação entre a creche e as famílias é pensar nos canais facilitadores da comunicação e do acesso que resultam numa real interação entre essas instituições. A interação é aqui entendida como a construção de uma ação recíproca entre pais e profissionais, é algo fundamental para o trabalho com as crianças pequenas na creche.

A interação é uma questão que tem sido priorizada pela bibliografia especializada em vista da sua relevância, pois, para que cada criança construa sua própria identidade pessoal, para que lhe sejam possibilitadas experiências educativas a partir de vivências significativas, torna-se relevante compreender que a criança tem a capacidade “[...] de integrar, em uma visão de conjunto coerente, o conjunto de significados elaborados e aprendidos em casa e na creche” (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, p.30).

Assim, essa instituição tem como característica ser um espaço unificador de experiências que pode favorecer uma relação como parceria, a ser tecida diariamente por seus protagonistas que atuam frente ao mesmo objetivo – a educação de crianças pequenas. Conforme enfatiza Tiriba (2001, p.75), “[...] nessa perspectiva, as famílias deixam de ser uma ‘clientela’ a quem se oferece serviços, para serem parceiras na implementação de um projeto que também é seu”.

Ainda nessa direção, as pesquisas especializadas italianas apontam que “o ideal é alcançar uma interdependência entre os três a tal ponto que o bem-estar de um deles esteja determinado e determine o bem-estar dos outros” (GHEDINI, 2002, p.70).

Portanto, a existência de encontros humanos que possibilitam a interação entre os protagonistas da vida na creche tem se constituído, nas experiências da creche investigada, na busca de caminhos que propiciem uma relação entre eles, entendida como um momento que leva à compreensão recíproca dessas instituições que têm em comum o cuidado e a educação das crianças. Isso ocorre num contexto complexo e dinâmico, que extrapola um relacionamento formal, aproximando seus atores, como podemos observar na transcrição das cenas a seguir:

4.3.1 Episódio III: Tá com pressa, tá? Peraí que eu te ajudo!

O som está ligado, as crianças brincam pela sala, uma funcionária dos serviços gerais vê Ivana chorando, entra na sala e a pega no colo. A mãe da Pamela está na sala, sentada num colchenete, observando Ivana que chora bastante. Ela limpa o nariz da Sandra e coloca seu bebê no colchonete. Comenta que a Ivana deve estar com alguma dor e a pega no colo.

Keila (profissional) – É, também rola um sentimento, é saudade...

Keila pega Ivana no colo, embalando e fazendo carinho na menina, que pára de chorar.

A mãe da Pamela volta para o colchonete e senta.

Mãe – Ai, que preguiça! A mãezinha veio te pegar, é, ai bebê... – a mãe diz para Pamelaloma, enquanto fala ri para a filha e a beija.

Keila (em pé embalando Ivana) – Quando eu chegar em casa tem outro neném para cuidar (Referindo-se à neta).

Mãe – É.

Keila – É minha neta! (fala sorrindo, depois emite um som enquanto acalenta) Ivana, nhon! nhon! nhon! nhon!.

A mãe da Pamela dá mamadeira para a menina.

Keila diz para Raquel: – Olha o neném mamando! Tá todo mundo olhando.

Keila está no meio da sala com Ivana e Raquel.

Mãe rindo: – Rodinha!

(Referindo-se às crianças que estão à sua volta olhando, algumas em pé, outras se sentam e outras brincam com brinquedos que estão espalhados pela sala).

Keila: - Ela mama 150 gramas mais ou menos?

Mãe: - É, mas é toda hora, aos poucos.

Keila e a mãe conversam sobre as professoras e sobre a cirurgia da Pamela, não consigo entender bem o que falam, o som está ligado tocando *Ursinho Pimpão*, a mãe está abaixada do lado de Keila, que está sentada no chão com um bebê no colo.

Keila – Ai, que bonitinha!

Puxa um pouco o cobertor que está sobre o rosto de Pamela e a beija, as duas se olham - mãe e Keila - e sorriem.

A mãe se despede e vai saindo da sala, Leandro (uma das crianças da creche) fica acenando com a mão, dando tchau, a mãe de Pamela também dá tchau para o menino e sorri fechando a porta.

Momentos depois, as crianças estão jantando. Algumas estão sentadas e se alimentam sozinhas nas duas mesas que tem na sala, outras brincando em outros locais da sala. Keila e Éster, outra profissional da creche, sentam-se em cadeirinhas e colocam as crianças sentadas no *bebê conforto* em sua frente para alimentá-las.

Chega a mãe de Ivana, ela abre a porta e vai em direção à filha, que está sentada no *bebê conforto*, sendo alimentada por Keila; ela se abaixa perto da filha, Keila lhe oferece o pratinho de comida da menina sorrindo, a mãe pega e sorri também; Keila se levanta e oferece sua cadeira para a mãe, depois pega outra, senta-se e dá comida para outra criança. Enquanto a mãe alimenta sua filha, ela comenta com Keila que a menina está gripada, mas que está dando xarope para ela.

Keila: - Ela só quer tá grudada (no colo), tá enjoadinha.

Depois que Ivana acaba de comer, Keila pega a mamadeira de água e ajuda a mãe a dar para a menina.

Keila continua sentada ao lado da mãe dando comida para outra criança, Ivana está com a mamadeira de água e a vira, molhando o pé de Keila.

Keila – Ai, tá molhando meu pé! (risos).

Keila e a mãe da Ivana olham a menina e conversam com ela. Keila pergunta:

Keila – Quer um pouquinho de água?

Mãe: – Não quer mais? (Referindo-se à comida).

A mãe pega a menina no colo, beija a filha e olha para Keila, que está olhando e sorrindo, observando o carinho da mãe. Ivana também olha para Keila.

Mãe (com Ivana no colo): – Me dá um beijo? Dá um beijo na mãe? Sabe, Keila, sábado à noite ela tossiu, tossiu.

Keila e Ester estão andando pela sala, limpam as crianças que terminaram de comer e oferecem água para elas, conversam com as crianças e entre elas. As profissionais conversam com a mãe sobre a gripe de Ivana.

A mãe se levanta com Ivana no colo, vai até o local onde estão penduradas as mochilas, pega a de sua filha e vai em direção a porta.

Depois, Keila vai até o armário e pega o bico da menina, oferece o bico para ela e o entrega para a mãe. Conversam mais um pouco. Keila fala sobre o choro da tarde e diz que abraçou bem ela, mas ela tinha dor nas costas, sorriem uma para outra, e a mãe:

Mãe – Foi filha, a Keila te apertou, judiou da menina?

Keila ri e beija Ivana de novo, a menina observa as duas conversando.

Mãe: - Vamos embora, que o pai chega e a gente ainda não tá em casa.Tchau! Keila obrigada!

Keila: - Tchau, até amanhã.

Enquanto fala, abre a porta para a mãe e fica observando mãe e filha indo embora. Falam mais um pouco e a mãe vai embora.

Não consigo escutar.

Alguém abre a porta.

Keila: - Não te conheço, não te conheço! É prima? Como é o nome da prima? (fala brincando e rindo com a prima da Carla).

Prima: - É Paula.

Nesse momento, chega a mãe da Lia com uma amiga, para ajudar a levar o Ruan. Lia e Ruan são irmãos.

Keila está pegando a mochila da Carla para entregar à prima Paula e diz para mãe da Lia e sua amiga para entrarem na sala. Lia já anda e vai ao encontro da mãe, Ruan está deitado no colchonete (ainda não anda). A amiga entra na sala e vai até o colchonete pegar o menino.

Volta para a porta onde a mãe das duas crianças a espera.

A mãe da Lia verifica que a menina está com a fralda suja.

Keila: – Ah! Pode ir para o banheiro.

Fala enquanto coloca a touca de lã na Carla e se despede da menina.

Keila: - Tá com pressa, tá? Pera aí que eu já te ajudo (dirigindo-se para a mãe da Lia que está no banheiro).

No banheiro, a mãe da Lia a coloca dentro da banheira e diz:

Mãe: – Meu Deus, sujou tudo!

Keila: – Foi agora que ela tava brincando no colchão.

As duas se ajudam, tirando a roupa da Lia, enquanto isso conversam.

Keila (para a mãe): – Tava com saudades de mim?

Mãe: – Então! Eu fiquei assim, né, que tu não tava, daí eu pensei: Meu Deus! Será como eles ficam?

Keila: – Não, mas eles ficam bem sim. As meninas cuidam bem, a Ester é bem legal, sabe?

Mãe: – Aham! Eu ia comprar fralda descartável, mas esse mês atrasou o pagamento dele (marido) e eu não tô conseguindo emprego.

Keila: – Ninguém te quer? Não, mas faz ficha nas firmas assim, né?

Mãe: – Eu fiz na Orcale, mas não me chamaram.

Keila: – Daqui a pouco tu consegue.

Volta-se para Lia.

Keila: – Hi! Lia, olhe a trouxa que vai para a mãe.

Keila (dando banho): – Ô! Cinha (mãe) pega a fralda no armário pra mim?

Mãe: – Aonde? Aqui?

Keila: – É, aí (referindo-se ao armário do banheiro). Coloca a outra toalha aí (no trocador) pra eu colocar ela em cima (depois de secá-la), vamos ver a roupa, vamo? (Keila diz para a menina).

Keila (para a mãe): – Tu coloca?

Mãe: – Coloco, pode deixar.

Keila: – Guria eu nem vi, de certo foi agora, ela tava deitada quietinha.

Mãe: – É! (risos).

Keila: - Eu falei com ela pra ela não chorar quando tu vem, que não dá conta. Dois no colo!

Keila se refere ao fato de Lia chorar porque quer ir no colo também, e a mãe normalmente leva o Ruan, que é menor e não anda, e Lia tem que ir andando).

Mãe: – Ai é fogo. Ela quer também, daí não dá.

Keila: – Olha, não esquece do remédio, tem que chacoalhar bem, porque fica tudo no fundo, tu viu?

Mãe: – Vi, eu sempre chacoalho. Vamos, tchau!

Keila: – Tchau, meus amores, e Lia vai passeando no carrinho, que legal!

A mãe trouxe um carrinho de bebê, Lia gosta de ir passeando no carrinho²⁹.

Conforme as cenas descritas, percebe-se a existência dos canais de acesso e de comunicação e a relevância disso para uma relação de reciprocidade onde os papéis não são confundidos: as mães conhecem e têm contato com as crianças que vivem com seu filho, as crianças presenciam o contato de uma mãe com seu coetâneo; mãe e profissional podem conversar sobre os problemas que se referem à criança; a mãe pode entrar, alimentar seu filho, conhecer e vivenciar o cotidiano dele na instituição, conversar com as profissionais, que também podem saber aspectos da vida da criança em casa. Mãe e profissional se ajudam mutuamente nas tarefas relacionadas à educação da criança.

Com isso pode-se afirmar que há um agir e interagir que caminha na direção do respeito, da capacidade de construir diálogo, de sustentar as próprias identidades

e responsabilidades, valorização do outro (MANTOVANI, 1994, p. 8). Nesse sentido, essa creche tem sido um local onde os encontros e vivências entre as pessoas que lá circulam permitem a interação entre eles, através do protagonismo deles.

As falas das mães e das profissionais, a seguir, ressaltam esses aspectos. A mãe de uma das crianças se manifesta dizendo que:

Eu sei que a professora tem obrigação de dar educação, mas que é uma continuidade, é uma troca, porque acaba pegando carinho e a gente também, porque o que as professoras passam, o que elas transmitem, infelizmente eu não tenho oportunidade, né? (Nica - mãe entrevistada em 01/08/02).

Complementando o depoimento de Nica, Branca afirma que;

[...] mas o meio familiar é muito forte, e a família tem que ser companheira da creche. A gente tem que andar junto e falar a mesma língua, né? Entrar num acordo, cada um respeitando seus limites... cada um respeitando o que o outro fala, família tem seus limites, e a creche também tem, respeitando, os dois tem que caminhar juntos, sempre visando o bem-estar da criança, o objetivo é o bem-estar e o desenvolvimento da criança... porque eu penso que se eu não conhecer as famílias, eu não vou poder trabalhar com a criança... Não é dar palpite nem se meter, é estar visando, visando o bem-estar da criança, pela criança...né? (Branca - professora entrevistada em 22/10/02).

Nessa mesma direção segue a fala de Nívea:

Talvez no início tenha sido mais ou menos uma 'obrigação', mas no momento que fomos nos conhecendo, trocando informações, repartindo dúvidas, alegrias e outros sentimentos em relação à criança, nos tornamos parceiras com os mesmos objetivos... a família não tem que ser chamada na creche só quando tem reunião... eu acho que tem que ser chamada pra

²⁹Data da filmagem, 02/09/02; horário do início e término da mesma: 15:07 h às 17:45h.

todas as coisas, pra tá conhecendo as coisas boas da creche, então é assim, convidando os pais quando tem que fazer oficina na creche, tá convidando os pais pra fazer parte de alguma coisa diferente, pra tá fazendo (coisas) com as crianças, chamar o pai um dia pra fazer um chá, tomar um café, conversar mesmo, você sabe, sentar com os profissionais e conversar (Nívea - professora entrevistada em 16/10/02).

Entre outros fatores já apontados, pode-se perceber nos próximos depoimentos que as interações entre creche e família também contemplam confrontos, que são enfrentados com respeito e compreensão de suas diferenças e particularidades na busca de um consenso para a sua solução.

Neste sentido, segue a fala de duas mães:

[...] eu tenho certeza que vão fazer o melhor, que elas podem. Então elas têm a forma de reclamar bem bom, nunca precisei chamar a atenção, acho que também nunca deixei a desejar nada... E a Carla gosta de ficar ali, ela não chora pra ficar, é importante entendesse... e eu levo na creche, daí eu tiro a sandália e entro lá. Se tem um chorando eu já ajudo, já pergunto o que que foi, assim né, quando eu tenho tempo eu fico um pouquinho ali com eles... (Anita – mãe entrevistada em 31/07/02).

Agora vou falar com a Valéria (a diretora), que nem aquele dia que o Eduardo veio de lá, menina, todo mundo ficou... ele saiu da creche.! E o dia que tiver reunião isso vai ser falado, que nem elas disseram, foi quebrado o cadeado do portão..., eu não deixo, se eu tô subindo e outras crianças estão pulando o muro pra brincar no parque eu falo, olha, não vão estragar o brinquedo das crianças... Então, é uma coisa que tem que tomar providência, é aquele portão, e eu já falei pra ela (diretora), se acontecer mais uma vez, tanto faz, com qualquer um deles, eu disse pra ela, aquele dia eu quase me descontrolei lá... a gente sempre conversa, assim, se eu tenho alguma coisa pra reclamar eu reclamo, oh! Não gostei, ou se tu não gostou fala, então a gente praticamente se dá bem... Acho que se deve conversar com todo mundo... a gente chega lá e fala e ela também (a diretora), ... então é praticamente uma

amizade que a gente tem com ela. (Dora – mãe entrevistada dia 09/08/02).

Os momentos de troca, o enfrentamento nos confrontos, a compreensão, o protagonismo das famílias também são vistos na mesma perspectiva pelas profissionais, o que parece indicar que existe uma sintonia na forma de compreender e viver as relações que se estabelecem entre a creche e as famílias.

Ilustrando essa colocação, uma auxiliar de sala diz que:

(...) como é na minha sala, de todos os pais terem livre acesso, de falar, de conversar, de contar, os pais têm liberdade de falar, e os profissionais também têm liberdade de falar com os pais... enquanto a família da criança tem livre acesso à creche, pode entrar, pode conversar, pode querer ficar na sala hoje... Agora as portas estão todas abertas, qualquer coisa assim, aquilo é conversado, é falado naturalmente, sem problema nenhum, entendeu? ... flui, fica tudo claro e flui melhor. (Keila - auxiliar de sala entrevistada em 21/10/02).

Essa percepção revelou-se também na fala de Ester:

A relação da família com a creche é de tá conversando mesmo, tá pensando, porque é pela criança que a gente tá aqui, né, é pelo bem-estar dela que a gente tá aqui, que funciona a creche, então, se é por ela, a gente tem que tá conversando, tá tentando resolver os problemas dela, pra isso tem que conversar, sem conversa não tem como resolver as coisas, né? ... a família tem que tá ciente do meu trabalho aqui, como que eu faço, o meu objetivo, pra me ajudar também com a criança lá em casa, porque se ela não fizer a parte dela, não tem como andar, não dá, a coisa não funciona. O contato no dia-a-dia era planejado, mas nunca era uma coisa fixa, né? Num momento que a mãe sentia necessidade de alguma coisa, a gente botava no planejamento no dia, e a gente ia trabalhando. (Ester - professora entrevistada em 18/10/02).

Portanto, a creche em estudo tem buscado respeitar as diferenças, assumindo uma posição de discutir e enfrentar os problemas que surgem de maneira personalizada na construção de um trabalho conjunto entre ela e as famílias, frente ao objetivo comum que as une, origem e razão dessa relação, a educação das crianças pequenas. Conforme Paro (2000, p. 108), essa postura resulta numa interação que está representada “... na forma amiga, simpática e atrativa de receber os pais”.

Nesse sentido, pode-se observar que a aproximação existente entre as creches e famílias, através da comunicação, do acesso e da interação, segundo os dados, tem como objetivo primeiro contemplar aspectos que dizem respeito à educação das crianças de forma a compreendê-las melhor. Nessa perspectiva, Tiriba indica a creche como espaço que pode oferecer as crianças

“ [...] tudo o que elas necessitam para desenvolverem-se plenamente: atenção, carinho, cuidados físicos, espaço e tempo para brincar, acesso à cultura, apropriação de conhecimentos... E esse objetivo, sem dúvida, só poderá ser alcançado através de uma aliança, a ser tecida no dia-a-dia das instituições, entre profissionais de creches, famílias das crianças e comunidades.” (TIRIBA, 2001, p.74)

Nesse sentido, pode-se observar no universo pesquisado que esse caminho está se constituindo a partir de elementos aqui apontados. O desafio enfrentado pelos profissionais e pelas famílias é de compreender essa relação como um processo complexo e inacabado, construído e modificado todos os dias, e da sua necessidade de estar associado ao planejamento e à organização do trabalho na creche.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho, considerando seus limites e sua parcialidade, foi evidenciar e identificar elementos possibilitadores de uma boa relação entre creche e família.

Este estudo desenvolveu-se a partir de uma perspectiva teórica que compreende os sujeitos da pesquisa enquanto protagonistas que vivenciam, partilham e interagem em uma complexa e dinâmica rede de relacionamentos humanos. Portanto, entende-se que a relação entre as instituições em foco é permeada de significados múltiplos e diversos que são ressignificados e se movimentam de acordo com as situações construídas pelos próprios atores nesse contexto. Nesse sentido, este é o momento de tecer algumas considerações sobre a temática abordada.

A construção de instrumentos de análise, como as categorias comunicação, acesso e interação, permitiram compreender a relação creche-família no contexto investigado. Os elementos intrínsecos a essas categorias foram capazes de demonstrar a possibilidade de uma boa relação entre as instituições, através das condições criadas nas práticas sociais cotidianas, permitindo o enfrentamento de situações que envolvem a educação das crianças na creche e soluções possíveis para resolver problemas comuns e atender as necessidades e expectativas dos protagonistas.

Este estudo aponta também para a percepção da criança, não só em seu aspecto individual, mas principalmente em seu aspecto contextual. As crianças aprendem através da relação que estabelecem com o contexto social, elas vivem tanto na família quanto na creche e são o princípio e a finalidade da construção contínua de uma aliança e uma ligação coerente entre tais instituições, isso indica a importância de uma parceria consciente entre elas, voltada para a educação das crianças, proporcionando a estas a satisfação das suas necessidades para o vivência plena de suas infâncias.

A comunicação, o acesso e a interação se encontram no universo da pesquisa de forma interligada, visto que cada categoria implica e proporciona a outra, e a maneira como elas se estabelecem permite o conhecimento e a compreensão diante do que é visto, ouvido, falado, sentido e vivenciado pelos protagonistas.

Pôde-se perceber que o entrelaçamento da discussão teórica e da operacionalização prática, que permeia esse estudo sobre questões que dizem respeito à relação triádica entre as crianças, as famílias e os profissionais, evidenciou experiências educativas, alternativas, criativas, interessantes e satisfatórias para os sujeitos que vivenciam essa relação na creche.

Defronta-se, assim, com a complexidade da relação entre creche e família. A clareza de que é um processo construído cotidianamente rompe com a falsa idéia de que existam receitas e estratégias prontas capazes de resolver as questões que se apresentam de forma generalizada.

Em um primeiro olhar, reafirmando as possibilidades de uma boa relação entre a creche e a família, percebe-se que os sujeitos podem se relacionar de maneira democrática, rompendo com as formas tradicionais verticalizadas, autoritárias e assistencialistas de gestão das instituições da educação infantil. Nesse sentido, pode-se apontar que a construção de boa relação entre tais instituições é também um indicativo da melhoria dos serviços de educação às crianças de 0 a 6 anos.

Pode-se afirmar que a creche pesquisada tem buscado definir uma identidade própria, fundamentada nos princípios do PPP e do PES, construídos de forma flexível, compreendendo, sobretudo o dinamismo da conjuntura institucional, caracterizada por constantes mudanças que ocorrem no âmbito dos atores: novas famílias, novas crianças e novos profissionais.

Portanto, enfatiza-se a grande importância de considerar a temática da relação creche-família nas propostas de estrutura organizacional da creche, através do PPP e do PES. Esses projetos, tidos como princípios norteadores do trabalho cotidiano das profissionais, podem ser instrumentos que possibilitam a construção de uma práxis onde a relação entre as referidas instituições é mais do que parte do

trabalho da creche, é fundamental para a concretização dele de forma intrinsecamente indiscutível.

O avanço está em perceber que tais projetos são ferramentas que podem transformar a realidade, são instrumentos capazes de possibilitar momentos onde os sujeitos pensam juntos suas necessidades e aspirações, construindo uma gestão social de acordo com os princípios democráticos.

Cita-se como exemplo a reconhecida dimensão da relação creche-família que compreende o conflito e o confronto de identidade social e cultural existente entre ambas as instituições, amplamente discutido. No âmbito desse estudo, o confronto foi percebido e entendido como momentos de embate de posições, de concepções de mundo diferenciadas, vivenciados na creche, mas também como momentos de reflexão, de escuta, de respeito na busca de um consenso possível, e isso é demonstrativo de possibilidade de construção de uma boa relação entre essas instituições, onde os protagonistas adultos partilham a educação das crianças e onde a creche se constitui também como contexto relacional.

As formas e as estratégias que possibilitam uma boa relação entre a creche e a família devem ser redimensionadas, de tempos em tempos, a partir da problematização contínua delas pelos sujeitos envolvidos, para que não percam o sentido.

Considerando essa meta, ressalta-se, para além do PPP do PES, a necessidade do investimento na formação profissional, inicial e continuada, onde seja contemplada a questão do relacionamento com as famílias como especificidade de um trabalho que se realiza no cotidiano da creche, envolvendo dimensões de ordem técnica e objetiva, mas também subjetiva: a capacidade de escuta, percepção e respeito às diferenças, além de reciprocidade e sensibilidade na forma de viver e de compreender as relações entre outros aspectos, pois a formação é coletiva, mas a construção do conhecimento é particularizada.

Sabe-se que ainda há muito a ser estudado sobre a relação creche-família, pois se trata de uma temática pouco enfocada pelos estudiosos brasileiros da área da Educação Infantil. Acredita-se, entretanto, que este trabalho possa contribuir para o entendimento dessa questão sob um outro olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. Pesquisa em Ciências Sociais. In: HIRANO, Sedi (org). Pesquisa social: projeto e planejamento. São Paulo: T.A Queiroz, 1979. P.21-88.

ALMEIDA, Ana Nunes. A Sociologia e a descoberta da infância: contextos e saberes. In: VIEIRA, Maria Manuel RESENDE, José Manuel (orgs) Dossier: as cores da infância. Revista Fórum Sociológico. Lisboa, nº ¾ (IIª série), 2000. p. 11-32.

ARROYO, Miguel Gonzalez. O significado da infância. In: Anais do I Simpório. Brasília: MEC/ SEF/ DPEF/ COEDI, 1994. p. 88-92.

AZANHA, José Mário Pires. Uma idéia de pesquisa educacional. São Paulo: EDUSP, 1992. 201p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: aprovada em 05/10/88 – trechos relacionados com a educação e com o ensino. In. MANHÃES, Luiz Carlos Lopes. Implantando a Educação Básica. Florianópolis: UFSC/ CED/ NUP, 1998. p.10-28.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional: Lei 9.394/96. Brasília, 1997.

BRASIL. Secretaria de Estado de Estado do Desenvolvimento Social e da Família. Estatuto da criança e do adolescente. Lei nº 8.069/90. Santa Catarina, 1999.

BECKER, Howard S.. Sobre Metodologia. In:____. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: HUCITEC, 1993. p.17-46.

BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna (orgs). Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – Uma abordagem reflexiva. 9ª ed. Tradução: Rosana Severino DiLeone, Alba Olmi. Porto Alegre: ARTEMED, 1998. p. 1-37.

BONOMI, Adriano. O relacionamento entre educadores e pais. In: BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna (orgs). Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – Uma abordagem reflexiva. 9ª ed. Tradução: Rosana Severino Di Leone, Alba Olmi. Porto Alegre: ARTEMED, 1998. p. 161-172.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. Esta creche respeita a criança: critérios para a unidade creche. In: CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia.

Critérios para um atendimento em creches e pré-escolas que respeite os direitos fundamentais das crianças. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995. 40p.

CERISARA, Ana Beatriz. Educadoras de creches: entre o feminino e o profissional. Florianópolis, 1997. p.1-21 (mimeo).

DA MATTA, Roberto. O trabalho de campo como rito de passagem. In:____. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. 3² ed. Petrópolis: Vozes, 1983. .150-173.

DEMO, Pedro. Introdução ao ensino da metodologia da ciência. In:____. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas S/A, 1985. p.13-51.

FERNANDES, Ana Alexandre; RESENDE, José Manuel. Editorial In: Dossier: as cores da infância. Revista Fórum Sociológico. Lisboa, n^o ¾ (II² série), 2000. 365p.

FLORIANÓPOLIS, Secretaria Municipal de Educação. Traduzindo em Ações: das diretrizes a uma proposta curricular. Educação Infantil. Florianópolis: Edeme, 1996. 48p.

FONSECA, Marilde Juçara. Participação das famílias na Instituição Pública de Educação Infantil: limites e possibilidades. 2000. 115f.. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

FÜLLGRAF, Jodete Bayer Gomes. A Infância de Papel e o Papel da Infância. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, 2001.

GALARDINI, Annalia; GIOVANNINI, Donatella. Pistóia: elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (orgs), Bambini.: a abordagem italiana à educação infantil. Tradução: Daniel Angel Etcheverry Burguño. Porto Alegre, Artemed, 2002. p.117-131.

GANDINI, Lella; Reggio Emilia: Experimentando a vida na creche-entrevista com Cristina Bondavalli. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (orgs), Bambini.: a abordagem italiana à educação infantil. Tradução: Daniel Angel Etcheverry Burguño. Porto Alegre, Artemed, 2002. p.81-92.

GEERZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LCT, 1989. 323p.

GHEDINI, Patrizia. Mudanças na política nacional italiana para as crianças de 0 a 3 anos de idade e suas famílias: direitos e responsabilidades. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (orgs), Bambini.: a abordagem italiana à educação infantil. Tradução: Daniel Angel Etcheverry Burguño. Porto Alegre, Artemed, 2002. p.65-72.

GOLDENBERG, Mirian. Pesquisa Qualitativa: problemas teóricos-metodológicos. In: _____. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 1997. p.53-60.

FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal, Guia Ruas Florianópolis. EDEME, IPUF, 1999. 620p.

HADDAD, Lenira. A relação Creche-Família: relato de uma experiência. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 60. p. 70-78, fev. 1987.

HADDAD, Lenira. A creche em busca de Identidade. 3ª edição. São Paulo: Loyola, 2002.

KUHLMANN Jr. Moisés. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1988. 210p.

LAPLANTINE, François. O campo e a abordagem antropológico. In: LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.13-33.

LEITE, Ilka Boaventura. As fronteiras do Exótico: o Antropólogo e o Viajante. In: ANTELO, Raul (org). Identidade e Representação. Florianópolis: EDUFSC, 1994. p.349-359.

LOPES, João Maria. Habilitação Popular: Diretrizes para uma política habitacional do município de Florianópolis, 2000. 179 f.. Monografia (especialização em Arquitetura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MAISTRO, Maria Aparecida. As relações creche-famílias: um estudo de caso. 1997. 184f.. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

MANTOVANI, Susanna. Relações entre a escola e a família. Tradução: Eloísa Candal Rocha. Instituto de Pedagogia. Università di Milano, 1994. p.1-16 (mimeo).

MANTOVANI, Susanna; TERZI, Nice. A inserção. In: BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna (orgs). Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – Uma abordagem reflexiva. 9ª ed. Tradução: Rosana Severino DiLeone, Alba Olmi. Porto Alegre: ARTEMED, 1998. p. 173-184.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A fase da filantropia (até meados do século XX). In: _____. História Social da Criança Abandonada. São Paulo: Hucitec, 1998. p.191-223.

MARTINS, Ana Dias; GOMES, João Almeida. Em torno da modernidade familiar: crise ou transição? In: VIEIRA, Maria Manuel; RESENDE, José Manuel (orgs). Dossier: as cores da infância. Revista Fórum Sociológico. Lisboa, nº ¾ (IIª série), 2000. P.179-187.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1998. p.51-79.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil em Florianópolis: retratos históricos da rede municipal (1976-1996). Florianópolis: Cidade Futura, 2000. 16

OLIVEIRA, Zilma de Moraes et al. A relação creche-famílias. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes et al. Creches: Crianças, faz de conta & cia. 6ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 114-120

PARO, Vitor Henrique. Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000. 126 p.

PEREIRA, Ângela Maria Nunes Machado. A sociedade das crianças A'uw~e Xavante: por uma antropologia da criança. 1997. 216f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

RABITTI, Giordana: À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia, Porto Alegre: ARTMED, 1999. p. 27-38.

RIOS, Terezinha Azerêdo. Avaliar: ver mais claro para caminhar mais longe. In: RICO, Elizabeth Melo (org.) Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate. São Paulo. Cortez/Instituto de Estudos Especiais da PUC. 1998, p.111-116.

RODRIGUES, José Carlos. Símbolos e Sinais. In:____. Antropologia e Comunicação: princípios radicais. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1989. p.30-59.

SARMENTO, Manuel Jacinto (coord). Saberes sobre as crianças: para uma bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal (1974-1998). Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança: Editora Bezerra, 1999. p. 9-22.

SEABRA, Teresa. As crianças em Casa e na Escola: Textos e Contextos cruzados. In: VIEIRA, Maria Manuel RESENDE, José Manuel (orgs) Dossier: As cores da infância. Revista Fórum Sociológico. Lisboa, nº ¾ (IIª série), 2000. p. 71-93.

SPAGGIARI, Sergio. Considerações Críticas e Experiências de Gestão Social. In: BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna (orgs). Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – Uma abordagem reflexiva. 9ª ed. Tradução: Rosana Severino DiLeone, Alba Olmi. Porto Alegre: ARTEMED, 1998. p. 96-113.

SOUZA. Solange Jobim e & Kramer, Sonia. Avanços, retrocessos e impasses da política de educação pré-escolar no Brasil. In: KRAMER, Sonia (org). Educação ou tutela? A criança de 0 a 6 anos. Ed. Loyola. Rio de Janeiro, 1998. p.59-84.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org). A família contemporânea em debate. 2ª ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997. p. 23-27.

SZYMANSKI, Heloisa. A relação Família/Escola: desafios e perspectivas. Brasília: Editora Plano, 2001. 95p.

TIRIBA, Léa. Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e famílias. In: GARCIA, Regina Leite; FILHO, Aristeo Leite (orgs). Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.59-80.

VEIGA, Ilma P. A; RESENDE, Lúcia Maria G. de (orgs). Escola: espaço do projeto político-pedagógico. Campinas, SP: Parirus 3² ed., 2000. 200p.

VITÓRIA, Telma. Representações de Educadores sobre as mães e famílias das crianças da creche, 1997. 121f.. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental) Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

VITÓRIA, Telma. As relações creche e famílias. In: I CICLO DE DEBATES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL Florianópolis, 1998. p. 1-21 (mimeo).

ZIGLIO, Corrado. Prefácio In: RABITTI, Giordana. À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: ARTEMED, 1999. p.9-20.

ANEXO A – QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO PARA AS FAMÍLIAS

A - Identificação Pessoal

- 1) Qual sua situação conjugal?
() Casada
() Solteira
() Separada
- 2) Qual sua idade? _____ anos.
- 3) Quanto tempo você ficou na escola?
() até 4 anos de escola
() entre 4 e 7 anos de escola
() 8 anos completos de escola
() entre 9 e 10 anos de escola
() mais de 11 anos de escola
- 4) Você trabalha “fora”?
() Não () Sim. Em que você trabalha?

B - Identificação de moradia

- 5) Tipo de moradia.
() casa () apto () alvenaria () madeira
- 6) Quantidade de cômodos: _____
- 7) Local e tempo de residência: _____
- 8) Casa própria () Alugada () Cedida ()
- 9) Casa legalizada () Não-legalizada ()

C- Identificação Familiar

10) Quantos filhos você tem? _____

10.1) Menino (s), quantos?_____ Qual a idade de cada um? _____

10.2) Menina (s), quantas?_____ Qual a idade de cada uma? _____

10.3) Você tem filhos que não moram com você?

() Sim. Quantos? _____

() Não

11) Quantas e quem são as pessoas que moram junto com você, na mesma casa?

12) Somando a renda de todas as pessoas que moram na casa, qual é a renda do mês?

() até 1 salário mínimo

() entre 1 e 2 salários mínimos

() entre 2 e 3 salários mínimos

() entre 3 e 4 salários mínimos

() entre 4 e 5 salários mínimos

() mais de 5 salários mínimos

QUESTIONÁRIO PARA AS PROFISSIONAIS

- Nome:
- Data de nascimento:
- Sexo:
- Estado Civil:
- Tem filhos?
() S () N () Quantos
- Tem ou teve filhos que freqüentou a creche em que trabalha?
- Mora no bairro da creche?
- Situação funcional
Efetiva () Substituta ()
- Carga horária
- Função que exerce na creche
() prof. Substituto () prof. Auxiliar () Aux. de sala () prof I () prof II ()
() prof III () prof IV
- Tempo de prefeitura
- Tempo de serviço na creche
- Turma em que atua
- Formação

ANEXO B – ENTREVISTAS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS

1. Por que você optou por colocar o filho na creche?
2. Para você, para que serve a creche?
3. Você conhece as atividades feitas na creche durante o tempo que seu filho está lá? Como?
4. Como é sua relação com as profissionais que trabalham na sala onde fica o seu filho?
5. Como é sua relação com a direção?
6. O que você mais gosta na creche?
7. O que você menos gosta na creche?
8. O que você gostaria que fosse feito na creche e não é?
9. Você notou alguma mudança em seu filho depois que ele entrou na creche?
10. Quem leva seu filho para a creche?
11. Você participa de alguma atividade na creche ou na sala de seu filho? Qual?
12. De que maneira é estabelecida a comunicação entre você e a creche?
13. Em quais momentos você vai a creche?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS PROFISSIONAIS

- Qual é a sua formação?
- Você participa de alguma modalidade de formação continuada? Por quê?
- Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil?
- Já trabalhou em outra instituição?
- Você exerce, além do seu cargo, outra função na instituição?
- Para você, qual a função da Educação Infantil?
- Qual o papel dos profissionais que trabalham com as crianças?
- Na sua opinião qual o papel das famílias na educação e cuidados com as crianças?
- Como é seu relacionamento com as famílias?
- Quais as formas, estratégias, modos ou procedimentos são utilizados para o encontro com as famílias?
- Esses encontros são planejados?
- A relação que você estabelece com as famílias influencia no seu trabalho com as crianças? De que forma?
- O que significa, para você, ter uma relação “bem-sucedida” com as famílias?

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO ESTUDO EXPLORATÓRIO

- Qual sua formação?
- Há quanto tempo trabalha na Rede Municipal de Educação de Florianópolis?
- Em quantas creches da Rede já trabalhou?
- Quanto tempo trabalha nessa creche?
- Como é seu relacionamento com as famílias dessas crianças que você trabalha?
- Como você vê a influência da família no cotidiano (dia-a-dia), da instituição?
- Você acha que é importante conhecer as famílias das crianças com as quais trabalha? O que é importante conhecer delas? Como isso contribui para o seu trabalho?
- Você conhece?
- O que você conhece dessas famílias?
- Quais as formas que utilizou para conhecê-las?
- Como a família influencia na relação que estabelece com as crianças que trabalha?
- Qual a influência do conhecimento que você tem a respeito da família na relação que você estabelece com as crianças que trabalha?

ENTREVISTA COM OS PAIS (elaborada pelas candidatas à direção)

Como é de seu conhecimento haverá eleições para diretor desta unidade escolar. Sabemos que temos ainda muito a fazer. Por isso solicitamos sua participação para responder esta entrevista para que possamos elaborar nosso projeto de gestão.

Entendemos que juntos podemos sempre pensar em propostas para uma educação de qualidade para nossas crianças (não é necessário se identificar).

1 – Como você avalia o atendimento de seu filho na creche?

1.a – O que pode melhorar? Dê sugestões.

2 – Pontue pontos positivos e pontos negativos da instituição (creche):

2.a – Dê sugestões:

3 – Como a família avalia sua participação em relação a:

Reuniões

Eventos (festas e outros)

Palestras (em 2001)

Cumprimento do regime

Colaboração

3.a – Avalie a relação creche/família

3.b – Dê sugestões do que poderemos fazer para efetivar fazer que com que mais pessoas participem

4 – Aponte sugestões para a melhoria do trabalho da creche

Favor entregar esta entrevista para Adriana (aux. do IIº período ou para Valéria – diretora) até 22/10.

Agradecemos pela colaboração
Adriana e Valéria

ANEXO C – MAPAS

